

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**VIDA EM COMUNIDADE RELIGIOSA: IDENTIDADE OU
PERTENCIMENTO?**

GEFFERSON DOS REIS SILVA DE OLIVEIRA

GEFFERSON DOS REIS SILVA DE OLIVEIRA

**VIDA EM COMUNIDADE RELIGIOSA: IDENTIDADE OU
PERTENCIMENTO?**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Prof^a. Dra. Jacy Alves de Seixas.

UBERLANDIA, SETEMBRO DE 2006.

Oliveira, Gefferson dos Reis Silva de, 1982

Vida em comunidade religiosa: identidade ou pertencimento?

Gefferson dos Reis Silva de Oliveira – Uberlândia, 2006, 64 fl

Orientadora: Profª. Dra. Jacy Alves de Seixas.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Palavras- Chave: Movimento religioso – Jovens – Comunidade.

GEFFERSON DOS REIS SILVA DE OLIVEIRA

VIDA EM COMUNIDADE RELIGIOSA: IDENTIDADE OU
PERTENCIMENTO?

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Jacy Alves de Seixas – Orientadora

Prof^ª. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato

Prof^ª Dra. Karla Adriana Martins Bessa

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Jacy pelas orientações recebidas, ao secretário João Batista pelos esclarecimentos ao longo das atividades acadêmicas, aos entrevistados pela colaboração nas entrevistas e aos demais profissionais da educação que de forma direta ou indireta contribuíram para a confecção desta monografia.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a relação entre a mobilidade religiosa através de práticas religiosas de um movimento religioso católico “grupo de jovens” e o estágio atual da modernidade, analisando a identidade dessa comunidade, e como se dá o comportamento dos jovens dentro deste “círculo aconchegante”, uma vez que representa um gueto, ou seja, local onde se fecha indivíduos sob a lógica da segurança. Ao mesmo tempo analisar a dicotomia entre a liberdade e a segurança, tendo em vista as relações do mundo globalizado, onde temos explicitamente a falta de segurança, motivando uma falta de perspectivas, estando as bandeiras universais arriadas diante de tanta desigualdade.

Por mais que a sociedade anuncie uma liberdade de oportunidade, esta não condiz com a dura realidade, pois não representa o mesmo que uma liberdade de condições. Isso implica que há um exercício desmedido da competição, proporcionando assim o fundamento da desigualdade, pois a desigualdade entre os homens equivale a uma igualdade de oportunidade.

Operando-me no pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman sobre a busca por segurança no mundo atual, analisei o movimento religioso católico, comparando a uma comunidade e através de depoimentos obtidos através de entrevistas, estabeleci diálogos entre os valores e mentalidades desses jovens com as situações implacáveis que vem tomando a nossa sociedade.

Por fim, analisei esta relação do jovem com a Igreja, pensando a sociedade atual e o modo pelo qual se dá o seu convívio. Seria a vida em comunidade, uma identidade compulsória ou um pertencimento voluntário?

SUMÁRIO

1. Introdução	06
---------------------	----

CAPÍTULO I

2. A religião católica e o movimento da Renovação Carismática	11
2.1 A face de uma religião.....	19

CAPÍTULO II

3. Pensando a sociedade atual	26
3.1 Vida em comunidade religiosa: identidade ou pertencimento?	30
4. Considerações finais	45
5. Referências bibliográficas	52
6. Anexo “A” – Entrevistas	53

1. INTRODUÇÃO

A indagação do título, sobre a comunidade vista nos dias atuais, sugere que atentamos os nossos olhares às práticas da sociedade, quando os indivíduos passam a fazer parte de comunidades. A partir da relação entre História e Religião, pensa-se a comunidade e questiona-se o modo de vida dos indivíduos, tentando revelar sua motivação e analisar a que característica se assemelha mais a sua corrente, a de uma identidade compulsória ou a de pertencimento voluntário? Nesse intuito, busca-se trabalhar, pensando a comunidade religiosa, atentando-se para os posicionamentos dos indivíduos diante das transformações sociais, que admitem certas verdades, muitas vezes dogmáticas.

Atento a essas relações, assumiu-se o trabalho de pesquisar os jovens que participam de um movimento religioso católico e, inseridos nesse projeto, cultuam o que acreditam ser verdade. São muitos os apelos oriundos de nossa sociedade, no entanto, não foi possível detalhar cada classe social que advinha dessa sociedade.

A pesquisa foi feita em fontes documentais e orais, alicerçada por três elementos básicos, a saber, o movimento religioso, os jovens e a comunidade. Com base nesse último elemento, busca-se entender o que o sociólogo Zygmunt Bauman¹ define por “busca por segurança no mundo atual”. Verticalizando a discussão, o trabalho atém-se à participação de jovens em práticas religiosas, especificamente de cunho católico, tomando por objeto de estudo um grupo de jovens de um bairro periférico da cidade de Uberlândia, denominado “Semente do Amanhã”.

Buscou-se compreender como se concretiza o seu convívio, como se dão as relações de participação e de pertencimento. Estão-se forjando identidades, tomando-se, compulsoriamente, posicionamentos junto à instituição religiosa ou realmente transparece a responsabilidade social por meio do seu ato voluntário. Esse grupo de jovens, formado por,

¹ Sociólogo polonês que iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral. Atualmente é professor emérito das universidades de Leeds e Varsóvia.

aproximadamente, 60 pessoas, é composto por jovens de ambos os sexos, com idade média entre 15 a 23 anos, com maioria de classe baixa e média, embora existam pessoas de classe social mais elevada.

Esse trabalho procura demonstrar a particularidade de um movimento religioso no mundo moderno, marcado, principalmente, pela pobreza, pelas difíceis condições de vida, não havendo elementos propícios para uma melhor qualidade de vida, o que acarreta uma saúde precária, uma educação de qualidade inferior, características essas presentes nos baixos niveladores sociais. É nesse contato da espiritualidade com os acontecimentos do mundo globalizado que se delineia a narrativa desta pesquisa. Como pensar o sujeito participante assíduo de movimento religioso, que articula uma relação de auto-ajuda, perante seus fiéis, transformando a sua identidade, à medida que interage com o meio em que vive, pensando a questão da exclusão social?

O movimento religioso católico no Brasil é pioneiro, no que se refere aos nossos registros históricos; no entanto, para essa pesquisa interessam os acontecimentos da segunda metade do século XX, por dois motivos principais: em primeiro lugar, os conflitos sociais que a modernidade assumiu e o segundo, o surgimento de uma esfera que levou ao reavivamento espiritual dos católicos e culminou com o movimento da Renovação Carismática. O primeiro teve início na década de 1960, no entanto seus reflexos se deram com maior intensidade na década de 1980. O segundo surgiu na década de 1970, mas a década de 1990 foi o período de maior intensidade do movimento, principalmente na realidade brasileira.

Como pensar o sujeito que participa assiduamente de uma organização religiosa, e como a sua participação influencia a sua própria interpretação dos acontecimentos do mundo moderno? Seria o mesmo que descrever nas palavras de Frederico Piepper² que: “*o sujeito é auto-consciente e livre, como a modernidade o compreende*”, ou seja, se somos todos dotados da liberdade de escolha, por que acreditar em algo que não está dotado de razão, mas pautada na “*vivência da fé*”? Seria também perceber Deus e Sujeito, em suas relações

² Resenha expositiva do livro: TAYLOR, Mark C. Erring. A postmodern A theology, The University of Chicago Press, 1984.

diárias, o comportamento de um fiel diante das dificuldades financeiras e familiares presentes na sua vida.

Essa pesquisa visa a questionar os valores, o modo como concebem a estrutura da religião que proferem, retirando deles suas justificativas sobre a sua inserção, comprometimento e avaliação, demonstrando como se dá o relacionamento entre eles. Qual seria a representação simbólica do sagrado e quais as conseqüências deste pertencimento. Haverá uma restrição de liberdade que está implícita na sua participação?

É na tentativa de compreender a construção e a consolidação do imaginário desses jovens à condição de fiéis que se tenta descortinar esse imaginário e perceber os seus valores, as relações que justificam a sua permanência e participações nestas práticas religiosas. Parece que há mais razões psicológicas, culturais do que propriamente de cunho religioso. Vivemos em um mundo material, em que há lutas pelo poder, pela capacidade de tomar territórios e a existência destas práticas religiosas serve como equilíbrio, como jogo de poder, para manter sólida a construção do sagrado.

Procurando sempre manter a vertente racionalista, o pesquisador tentou não se enclausurar em uma linha de ceticismo ou de credence, mas criar articulações pautadas na própria noção de tempo e de espaço. Como leitor, foi possível dirigir-se a fontes documentais e utilizar a recepção dos conteúdos adquiridos; escreveu-se sobre o que se almejava, ou seja, sobre a relação entre o modo de vida do mundo globalizado e das práticas religiosas católicas, resgatando a identidade e os valores de jovens que participam desse meio em caráter de reuniões semanais.

Em relação às características do modo de vida globalizado, o que se observa é que estão cada vez mais estreitas as relações familiares, atreladas a um mundo cada vez mais articulado pelo capital e, desse modo, as dificuldades emergem, ao ponto de os indivíduos não conseguirem acompanhar o ritmo desse crescimento. Ao lado disso, há o desemprego, os conflitos intra-familiares, a exclusão social e a ampliação da pobreza.

É mister ressaltar que esses problemas, além de atingirem o lado financeiro das pessoas, afetam também o seu psicológico, ocasionando até mesmo doenças, como a depressão e a síndrome do pânico, que mudam apenas de residência pois a maioria convive com eles e necessitam de ajuda para amenizarem as suas preocupações. Essa busca é cada vez mais solicitada, nos palcos de movimentos religiosos, que assumem uma identidade de comunidade, trabalhando os seus líderes como profissionais que utilizam princípios espirituais e sociais para que mais pessoas adiram ao seu movimento.

As práticas religiosas observadas durante a pesquisa estavam atreladas ao trabalho com a espiritualidade e a leitura, em defesa dos dogmas católicos, proporcionando ao seu público uma relação também de auto-ajuda. Acrescentaram-se à pesquisa entrevistas realizadas pessoalmente com jovens que se apontaram como membros deste grupo religioso. São depoimentos sobre suas vivências, que foram acrescentados às fontes documentais.

Em muito interessava estudar as relações da modernidade com o movimento católico, como mediador, apaziguador das intolerâncias de seus membros. Verificava que a Igreja, como instituição, mantinha uma certa retórica que, de certo modo, freava a reação de comunidades que não estavam satisfeitas com a situação em que viviam.

Trabalhar a modernidade no seu estágio atual, é trabalhar com conseqüências, é visualizar e comparar, ao mesmo tempo, a similaridade entre a busca do sagrado e o espectro das transformações sociais. O momento em que nos situamos é fruto do processo de aprimoramento e dos avanços tecnológicos, que permitem uma reestruturação dos mecanismos de defesa da sociedade. Demonstrando o significado de comunidade, as suas transformações e importância para esses jovens que habitam num espaço de interpretações divinas é que será iniciada essa discussão. A seguir, será correlacionado o sentido de comunidade na esfera religiosa, e a isso associado o modo de pensar de um cristão, apresentando qual o seu significado e por que servir a um Deus, para eles, significa hastear as bandeiras dos valores universais.

Como as práticas religiosas são muitas, não foi possível abranger o conteúdo dos estudos às diversas religiões e seitas existentes. Se bem que o objetivo deste trabalho se identifica muito com o Cristianismo, pela própria noção de solidariedade e a vivência segundo aos dogmas existentes nesta religião. Já na parte em que se encerra a discussão, há um empenho em demonstrar o posicionamento desses indivíduos em relação à comunidade a que servem e aos acontecimentos no mundo atual.

Para auxiliar na construção da narrativa, apresenta-se o posicionamento de Bauman, em duas de suas obras: *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*³ e *Identidade*⁴. Ambas constroem um debate em torno do que denomina “*modernidade líquida*”, que nada mais é do que o efeito da modernidade na realidade atual.

A presente monografia se divide em dois capítulos: o primeiro, destinado a discutir o caminho percorrido pelo Catolicismo no Brasil, e quais os movimentos que influenciaram na propagação da liturgia católica, principalmente na segunda metade do século XX e como o movimento da Renovação Carismática Católica contribui para o “reavivamento espiritual” dos cristãos católicos. Nesse capítulo, observa-se também o objeto do estudo e suas características principais. No segundo capítulo, é estabelecido um diálogo com as obras de Bauman, tecendo a relação com o modo de vida de uma comunidade. Apontam-se os reflexos da modernidade na sociedade atual e o que vem a constituir esse fenômeno. Já na segunda parte do debate está a relação com a “*comunidade dos sonhos*” e a “*comunidade realmente existente*”. Por fim, encerra-se a discussão apresentando as considerações finais da pesquisa.

Deste modo, busca-se analisar a relação das práticas de um movimento religioso católico com a modernidade, como reflexo de uma busca, marcada pela vivência em movimentos religiosos, trabalhando os problemas sociais, servindo-se de uma auto-ajuda pelo temor da solidão e a favor da segurança, momento esse em que sonham em pertencer a uma comunidade.

³ **BAUMAN**, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003, 141 p.

⁴ **BAUMAN**, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005, 110 p.

CAPÍTULO I

2. A RELIGIÃO CATÓLICA E O MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA.

Buscando conhecer os caminhos que caracterizam a permanência do Catolicismo no Brasil, Antônio Flávio Pierucci⁵ escreve:

“Descoberto em 1500, conquistado e colonizado pelos portugueses, ao mesmo tempo que catequizado pelos missionários mais representativos da Contra-Reforma ibérica, os padres jesuítas, o Brasil foi um país oficialmente católico por quase quatro séculos. No período colonial, a Igreja dependia mais do Estado português que do papado. O Estado impunha sua orientação à Igreja, totalmente subordinada. Com o Império, o padroado passou da coroa portuguesa para o imperador d. Pedro I, em 1827. O Catolicismo tornou-se, então a religião oficial do Estado brasileiro. O Catolicismo só deixou de ser religião oficial do Estado brasileiro no final do século XIX, quando a monarquia foi substituída pelo regime republicano, o qual abriu mão sem mais da religião oficial. A República Velha desferiu um golpe mortal no regime do padroado, ao separar juridicamente a Igreja Católica do Estado nacional. Esse foi, desde então, declarado laico. Isto é, religiosamente neutro, religiosamente isento, religiosamente abstrato.”

Segundo Pierucci, depois desse rompimento das relações entre a Igreja e o Estado, nunca houve tanta liberdade religiosa no Brasil como agora. Hoje, segundo o autor, a situação do quadro religioso brasileiro é de competição pluralista entre religiosidades as mais diversas. Para ele, o Brasil começa hoje a ver os efeitos dinamizadores que a liberdade de expressão religiosa tem trazido para o campo das religiosidades quando elas se põem em livre concorrência.⁶

Pierucci ilustrou justamente esse cenário pluralista, trazendo diversos espetáculos que se referiam à transformações (como a mudança de hábitos) que as religiões conseguiam estabelecer entre as classes sociais. Quando ele diz que o Catolicismo perpetuou-se por mais de quatro séculos como religião oficial do Brasil e que hoje encontramos uma liberdade religiosa apreciada em que se pode escolher o que bem nos agrada, percebe que houve fatores não

⁵ PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: As religiões no Brasil. In: **HELLERN**, Victor et alli, **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 281-302

⁶ Idem, p. 283.

somente políticos, mas sócio-econômicos e culturais que contribuíram para o advento dessa liberdade de escolha, que favorece o discernimento do ideal de um grupo ou a individualidade de cada pessoa.

Há essa competição no campo das religiões, certamente existem inúmeros outros motivos que levam a rupturas dentro do seio de cada uma dessas correntes, pela própria receptividade e adesão do indivíduo à participação nesses movimentos. Esses motivos podem ser bem vistos, como a insatisfação pessoal, ao certame regulamentar das normas de conduta, ao ceticismo quanto ao procedimento correto. Nesse caso, o indivíduo buscará incessantemente encontrar o seu lugar nesse espaço clérigo e caberá a cada instituição religiosa persuadi-lo a se comprometer com os seus princípios.

Para Pierucci, a maior parte dos brasileiros que hoje abandonam o Catolicismo aderem a um outro ramo do Cristianismo, normalmente filiam-se a uma Igreja Pentecostal, ou seja, cristã. Então esses católicos desistentes ou desapontados são recristianizados segundo o evangelismo pentecostal no qual se ingressaram.⁷

Como vimos, o Catolicismo no Brasil, com a separação entre Estado e a Igreja, passou a presenciar evasões de fiéis que saíam para estabelecer conexão com outra religião. No Brasil, ao analisar a realidade eclesial da Igreja Católica tradicional, nota-se que, no início da década de 1970, a modernidade que se anunciava nestes anos segundo relata João Batista Libânio, “*era governada em grande parte pela razão científica e técnica, se constituindo, sobretudo pela secularidade e, portanto, pela a-religiosidade.*”⁸ Entretanto, justamente nesse período surge um ramo da Igreja Católica que pode ter reacendido o seu caráter, que foi o movimento da Renovação Carismática Católica. A autora Vera Irene Jurkevics⁹ denomina esse movimento de “*reavivamento espiritual*”.

O movimento da Renovação Carismática Católica (RCC doravante) nasceu em 1967, após um retiro espiritual realizado por um grupo de

⁷ Ibidem, p. 284.

⁸ LIBÂNIO, João Batista (1999) apud JURKEVICS, Vera Irene (2004), p. 123.

⁹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná.

catedráticos e estudantes da Universidade Duquesne, na Pensilvânia (EUA). Segundo Jurkevics, surgiu um movimento leigo, que logo se consolidou, em justaposição à hierarquia eclesiástica. Jurkevics relata que praticamente todos os participantes daquele encontro inicial já haviam tido, em diferentes situações, algum contato com outros grupos religiosos, especialmente os pentecostais, e expressam o desejo que Reginaldo Prandi define de

“experimentar a transformação que o Espírito Santo podia operar nas pessoas. Sentiam que o aprofundamento na vida espiritual não podia resultar simplesmente da ação humana, o que sempre deixaria cada um sentir-se como órfão invadido pelo vazio e pelo desânimo”.¹⁰

Segundo o que relata a história, enquanto rezavam, teria ocorrido um verdadeiro Pentecoste.¹¹ Eles ficaram sensibilizados e decidiram intensificar suas práticas religiosas, formando grupos de oração e utilizando a experiência descrita da conversão e o “batismo com o Espírito Santo”. Em alguns poucos anos esse movimento se espalhou na vertente Católica, primeiramente entre os norte-americanos, ganhando visibilidade no cenário mundial e levando influências aos outros continentes.

Com menos de três anos de existência, essa vertente Católica já estreava no Brasil, trazida pelos jesuítas norte-americanos, padre Harold Joseph Rahm e padre Eduardo Dougheity, a partir de seu núcleo de ação na região de Campinas, interior de São Paulo, difundindo-se logo depois por todo o país. O principal objetivo deste ramo católico, afirmam os militantes, “*é a renovação interior e, qualquer atuação no campo social deve resultar do amadurecimento interior, portanto de caráter individual*”. Campos Junior diz que as mudanças na sociedade “*devem acontecer a partir da transformação na espiritualidade de cada um, depois, no seio familiar e, por fim resultar em alterações de ordem social*”.¹² Isso significa, para Jurkevics, que o pensamento

¹⁰ PRANDI, Reginaldo (1997) apud JURKEVICS, Vera Irene (2004), p.122.

¹¹ Festa cristã celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, reunidos no Cenáculo, por meio de línguas de fogo. Esse episódio é lembrado como Pentecoste, que significa quinquagésimo em grego.

¹² CAMPOS JÚNIOR, L (1995) apud Jurkevics, Vera Irene (2004), p.125.

dessa corrente é: primeiro mudar o indivíduo, e então, por força, o grupo também mudará.

Para os militantes, esse comportamento os ajudará a propagar o movimento, visto que ele visa a atingir o alicerce para depois voltar à sociedade. Eles acreditam que a mudança tem que partir pela base e só será possível uma mudança na sociedade, se cada um se comprometer com a sua responsabilidade. Só depois de alcançada, esse compromisso que ocorrerá mudança no seio da sociedade.

Para Libânio, com o surgimento da RCC, a religião teria voltado, com força, à cena política no interior das sociedades ocidentais, tornando-se evidente o investimento religioso na mobilização política e cultural por meio de novos movimentos sociais e dos diversos movimentos religiosos, contrariando a idéia de uma modernidade “racionalmente desencantada”.¹³

Com isso, presenciou-se ao fato de a mídia, durante a década de 90, ocupar esses espaços, para demonstrar o que Jurkevics denominou “*reavivamento espiritual*”, que foi o renascimento do espírito fervoroso dos fieis. Só que esse “*reavivamento espiritual*” liderado pela RCC teve também seu papel político, no que diz respeito à livre concorrência entre as religiões. Esse movimento nasceu como “pentecostalismo católico”, fugindo de todo o estigma que pudesse o considerar como pentecostal, ou seja, “*aos evangélicos que não pertenciam às Igrejas Históricas*”¹⁴

Segundo avaliação de Brenda Carranza, em apenas três décadas, esse movimento já estava presente em 90% das dioceses brasileiras e, em tempos mundiais, pouco antes da entrada do novo milênio, já teria representatividade em 140 países, contabilizando 40 milhões de adeptos, dos quais 30% só na América Latina.¹⁵ Segundo Carranza, as orações em louvor, contemplativas e as de cura, muitas vezes seguidas de testemunhos de “graças” recebidas e discursos inflamados, e de cantos emotivos e festivos, diferenciava os

¹³ Idem, Item 06, p. 122.

¹⁴ CNBB, Comunicado Mensal, (1993) Apud JURKEVICS, Vera Irene, (2004) p.123.

¹⁵ CARRANZA, Brenda, (2000) apud JURKEVICS, Vera Irene, (2004) p.123.

carismáticos de outros grupos da Igreja Católica, ao mesmo tempo em que os aproximava dos evangélicos.¹⁶

Como estava havendo a evasão de fiéis oriundos do movimento tradicional, pautado nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e nos movimentos da Teologia da Libertação, esse estilo que a RCC oferecia aproximava-se em muito dos cultos evangélicos, portanto o público, ou melhor, os fiéis, estavam retornando às Igrejas Católicas, participando então dessa nova vertente sem perder a sua identidade Católica.

Para Evandra Grigoletto¹⁷ o movimento da RCC possuía muitos pontos convergentes com o movimento dos pentecostais evangélicos. A autora traz em sua obra *“Sob o rótulo do novo, a presença do velho”*¹⁸ a narrativa pautada no que a autora Jurkevics identificou como “reavivamento espiritual”. Nesse livro, a autora analisa o funcionamento da análise do discurso da Renovação Carismática Católica, mostrando a constituição do novo elaborada pelo movimento da RCC ao mesmo tempo com a presença das características tradicionais da Igreja Católica.

Sobre os pontos convergentes entre a RCC e os pentecostais, a autora identifica que as duas enfatizam a experiência subjetiva da conversão, a auto-atribuição de uma missa, a identidade religiosa e emocional, o compromisso e o comportamento ascético, o uso de termos comuns como orar e louvar e a construção de uma “demonização” do espiritismo e das religiões afro-brasileiras.¹⁹ Segundo a autora, o movimento da RCC repete o mesmo princípio pentecostal da atualização dos dons particulares do Espírito Santo, inclusive a glossolalia²⁰ e a cura. Acrescenta que *“tanto o movimento da RCC quanto os pentecostais evangélicos dão uma atenção especial ao uso dos meios de comunicação em massa”*.²¹

¹⁶ Idem p.124

¹⁷ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisa o funcionamento do discurso lingüístico-ideológico pelo movimento da Renovação Carismática Católica.

¹⁸ **GRIGOLETTO**, Evandra. **Sob o rótulo do novo, a presença do velho**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, 190 p.

¹⁹ Idem, p. 29-30.

²⁰ Experiência de falar em línguas estranhas.

²¹ Idem, Item 16, p. 30.

Dentro do movimento religioso, é comum ouvir falar do discurso promovido pelas Igrejas pentecostais. Movimento enérgico, com linguagem eloqüente, que chama a atenção do público, despertando convencimento e dramaturgia. As encenações na ora do louvor e toda a emotividade foram fatores decisivos para o crescimento desses movimentos pentecostais. Talvez se possa dizer que o afloramento do discurso religioso forçou o indivíduo a se enquadrar, houve então uma mudança para que se estabelecesse um laço de confiança com o sagrado.

O jornal Folha de São Paulo publicou um caderno especial na edição de 26 de dezembro de 1999, intitulado “*Ano 2000: Busca pela fé*”, em que foram levantadas questões a respeito do fim do milênio e se dizia que o homem procurava novas alternativas de fé para resolver suas questões cotidianas. As religiões, como estavam atentas a essa crescente demanda, passaram a empregar o *marketing*, para atrair, ou mesmo, não perder seus fiéis. Isto quer dizer, nas palavras de Prandi, que “*religião não é mais herança, mas opção*”, pois para ele:

“a religião que alguém elege para si, escolhida de uma pluralidade em permanente expansão, não significa que continuará sendo amanhã, pois o religioso é agora um ser pouco fiel, diferente de outros tempos, em que o trânsito para outra religião representava uma ruptura social e cultural, geralmente revelando um drama íntimo e familiar.”²²

Hoje, a participação de um fiel depende única e exclusivamente dele, pois a partir do momento em que não se identifica mais com aquele ambiente, a tendência é migrar para outra religião, ou para outra Igreja. Tem-se, a partir daí a opção de escolher aquela que mais se aproximar dos seus valores. A religião passa a ser considerada mais como um compromisso ético-moral de voluntariedade do indivíduo, perdendo a tradição, e politizando o seu comportamento.

Se antes o movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs doravante) e da Teologia da Libertação se apegavam aos princípios políticos e

²² Idem, Item 08, p. p. 129.

sociais, a RCC surge com o objetivo pautado em trabalhar a individualidade do ser humano, atingindo a intimidade de cada um. Quando do surgimento desse “movimento renovado”, o diálogo entre os carismáticos e integrantes das CEBs, em princípio, era impensável, pois possuíam alguns pontos divergentes. Entre um desses pontos divergentes, Pedro Ribeiro de Oliveira aponta que numa primeira fase, a RCC esteve associada às classes médias, afirmando que *“predominam pessoas provenientes dos setores médios da sociedade, sendo que entre os dirigentes encontra-se percentagem significativa de pessoas oriundas de níveis sociais mais altos”*²³. Prandi também identificou esse perfil socioeconômico entre os militantes carismáticos e enfatizou que, naquele período, as camadas populares estavam mais identificadas com as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação.²⁴ No entanto, com a passagem dessa fase, citando uma vez mais Libânio, esse autor constata que a experiência no Espírito Santo, sob diversas formas, ganhou, gradativamente, mais expressividade, pois

“as pessoas buscam, cada vez mais, as celebrações e encontros, embalados pelo clima carismático, pois o sagrado impõe-se por sua força de sedução(...) a força sedutora do sagrado funda-se em experiências religiosas em que o ministério do Outro exerce atração irresistível, envolvente, encantadora, arrancando a pessoa de seu pequeno mundo e impelindo-a a uma união com esse mistério(...) o lado racional da fé cede lugar às vivências emocionais(...) em breve abundará uma literatura teológica de divulgação sobre os milagres, cura interior, batismo no Espírito Santo, carisma e temas semelhantes(...) a liturgia expressa festivamente, emocionalmente, carismaticamente como lugar por excelência da vivência espiritual(...) a sobriedade da liturgia romana sendo substituída pela criatividade carismática.”²⁵

A citação de Libânio será mais aprofundada no segundo capítulo quando da abordagem da inserção do indivíduo no perímetro da comunidade religiosa. Desde já ressalta-se a importância de se pensar a estreita ligação entre os indivíduos com o espaço do sagrado, e as implicações a que se sujeitam os adeptos de uma religião pela obediência aos padrões estabelecidos.

²³ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro (1978) apud JURKEVICS, Vera Irene (2004), p. 124.

²⁴ Idem, Item 08, p.124.

²⁵ Idem, Item, 06, p.125.

Ainda sobre a proposta religiosa da RCC, o Monsenhor Vicent Walsh interpreta-a como

“a renovação do culto, é uma corrente dentro da corrente maior da Igreja, e como tal, submete-se à autoridade da Igreja e dos bispos e sacerdotes, que dão assistência pastoral ao rebanho. E essa realidade não é outra senão a que foi dada pelos sacramentos de iniciação cristã. O batismo, desta forma, comunica uma vida nova, uma identidade, expressando a introdução dos ministérios da vida de Deus, pois, na oração de benção da água batismal, encontra-se o Espírito Santo, como agente desse batismo. Pela confirmação esse mesmo Espírito Santo é dado como princípio ativo desta nova vida.”²⁶

Nesta citação fica nítida a proposta da RCC ao demonstrar como doutrina do Catolicismo, o foco do que acreditam representar a terceira pessoa da Santíssima Trindade, pela simbologia do Espírito Santo. O mesmo Vicent, no intuito de orientar dirigentes de grupos de oração listou a essência de cada um dos principais dons ou carisma do Espírito, sendo eles

o **dom de orar em línguas** (glossolalia), que se constitui de uma oração em linguagem não-vernacular que provém do Espírito Santo dentro de cada um, que se manifesta independentemente da vontade de quem é agraciado com esse dom; o **dom da profecia**, uma ação em que alguém proclama uma mensagem que, quase sempre, reafirma verdades já conhecidas, mas que exigem, por sua importância, constante reflexão e debate; o dom de cura, em que a saúde de alguém é restaurada, pela intervenção de Deus, por meio da imposição das mãos de uma pessoa; o **dom de milagres**, que enfatiza o aspecto da intervenção divina, tanto nos “grandes” milagres, próprios de situações irremediáveis, graves ou sem esperança, quanto nos “pequenos”, que se operam em situações de necessidades comuns ou de dificuldades menores, e o **dom da fé**, que se constitui na confiança, na convicção que leva a uma decisão e a uma firmeza que libera a bênção de Deus.

Os militantes pregam um sentido de preservar seus valores, tomando como verdade os dogmas da religião. A “opção” que diz Prandi está relacionada a essa escolha que realizam diante do que lhes é proposto. A RCC, citando mais uma vez Jurkevics “*busca recuperar a importância do indivíduo, revalorizando os sacramentos rituais, a oração, destacando uma vivência religiosa fortemente marcada pela expansão das emoções, da cura, dos milagres e dos efeitos mágicos dos dons do Espírito Santo*”. Portanto, no

²⁶ VICENT WALSH, Monsenhor (1982, p.85) abud JURKEVICS, Vera Irene (2004) pág.126.

início do século XXI o que se vê é que a Igreja representada pela RCC tem reconquistado espaços e fiéis em migração, utilizando incessantemente os meios de comunicação em massa (TV, rádio, *Internet*).

2.1 A FACE DE UMA RELIGIÃO.

Como se viu, o movimento da RCC conseguiu difundir suas práticas religiosas em muitos grupos de pastorais²⁷ da Igreja Católica e principalmente naqueles em que é maior a concentração de moços, que são os grupos de jovens, tanto pelo caráter expressivo do louvor e da alegoria que alguns padres começaram a praticar. Entre esses padres podem-se citar o Padre Marcelo Rossi e o Padre Zeca. Em particular, será analisado aqui um desses grupos que trabalha sob a influência dessas práticas e que se denomina “Semente do Amanhã”.

O Grupo de jovens “Semente do Amanhã”²⁸ (GJSA doravante) foi fundado em meados do ano de 1985, por duas freiras - Irmã Maria Geralda e Irmã Senhorinha e demais jovens da comunidade. Iniciou-se com vinte pessoas um trabalho voltado à prática da religião católica e ao meio social. Esse grupo é composto por jovens de ambos os sexos, com idade média entre 15 a 23 anos, com maioria de classe baixa e média, embora existam pessoas de classe social mais favorável. O grupo mantém suas atividades junto à Paróquia São João Batista, no Bairro Segismundo Pereira, na cidade de Uberlândia/MG. Suas reuniões acontecem todos os sábados, às 19:30h, no interior da Igreja São João Batista. Sua infra-estrutura é cedida pela paróquia, em virtude de representar uma de suas pastorais e até mesmo pelo trabalho realizado com jovens da comunidade.

Existe um tempo previsto de encontro, com a duração máxima de duas horas. Há doze anos, o mesmo vem promovendo retiros em épocas de carnaval, denominados “Retiro de Carnaval” que abrangem todo o feriado nacional. Um encontro de cinco dias, deslocando mais de 150 (cento e cinquenta) jovens para uma fazenda ou chácara próxima à cidade, com a

²⁷ Pastoral é um conjunto de pessoas que envolvem nos trabalhos da Igreja.

²⁸ Grupo de Jovens pertencente à Igreja Católica Apostólica Romana.

finalidade de participarem de um evento que envolva o que Jurkevics denominou de *“reavivamento espiritual”*, em que, segundo Vicent Walsh, presencia-se *“a renovação do culto”*. Nestes retiros se trabalha de acordo com o que definem a sua espiritualidade, o convívio comunitário, desenvolvendo atividades como dinâmicas, palestras, apresentações musicais e conhecimento religioso acerca da Igreja Católica. Segundo relatos, esse retiro é realizado frente à colaboração da comunidade, da igreja, de políticos da cidade, de pais de participantes, dos comerciantes, enfim, é resultado de um corpo de voluntários que fazem doações para a realização deste projeto.

O GJSA possui uma equipe de coordenação composta por sete voluntários, escolhidos anualmente por meio de eleições, ou seja, são eleitos pelos participantes mais antigos, logo após o retiro de carnaval. Os escolhidos têm a função de coordenar todos os trabalhos inerentes à atividade do grupo, bem como suas equipes: equipe de sala, recepção, visita social, círculo bíblico, música e outras.

Perguntando a alguns desses jovens sobre os motivos que os levaram a se inserirem nestas práticas obtiveram-se os seguintes depoimentos

“o motivo que hoje eu atuo até hoje principalmente no grupo de Jovens Semente do Amanhã é o que eu aprendi, eu tenho que passar para a frente porque não adiantaria nada eu encher minha auto-estima, minha parte religiosa e não colocar em prática, senão muita das pessoas não iam conhecer o Deus que eu conheço, que é o Deus que está próximo, é Deus no amigo, é Deus no irmão. Com certeza se você achar esse Deus no próximo, no irmão, você com certeza vai encontrar Ele mais próximo de você”.²⁹

“... eu estou no grupo de jovens, porque eu... sei lá, mas pra sentir uma melhor intimidade com Deus, trabalhando nos projetos que o grupo tem, como o círculo bíblico, a recepção que estava participando fazendo lembranças... e o terço, sempre tá rezando o terço que é uma das equipes que se reúne toda a semana. É isso, o grupo serve pra mim aumentar a amizade com Deus”.³⁰

²⁹ Ver anexo “A” – Entrevista n.º 03, p. 57.

³⁰ Ver anexo “A” – Entrevista n.º 04, p. 60.

“... um dia eu fui convidado a participar de um grupo de jovens, o Semente do Amanhã, e no momento em que eu vim a Igreja, Deus me fez o chamado né, me chamou, me convidou a estar com ele, fui participar de um retiro espiritual que foi lá no Oásis né e a gente participo lá e depois desse dia assim, eu passei a sentir falta daquilo que senti lá que foi a presença de Deus, a presença do Espírito Santo, Espírito Santo de Deus, e depois eu senti aquela presença do Espírito Santo eu fiquei mais presente, Deus, conheci Deus, entendeu?”³¹

A partir da leitura desses depoimentos fica explicitamente declarada a íntima relação que acreditam ter com Deus. Nota-se aqui o que o autor Prandi definiu como *“experimental a transformação que o Espírito Santo podia operar nas pessoas”* e nesta transformação verifica a mesma relação de Libânio, que identifica que *“a força sedutora do sagrado funda-se em experiências religiosas em que o ministério do Outro exerce atração irresistível, envolvente, encantadora, arrancando a pessoa de seu pequeno mundo e impelindo-a a uma união com esse mistério(...).”* Segundo o autor, o lado racional do indivíduo cede lugar às vivências emocionais.

Analizando as experiências de transformação defendidas por alguns dos entrevistados, a sua permanência está intimamente ligada a um processo, a um marco que resignificou o papel da Igreja em suas vidas. Do ponto de vista do ouvinte, o participante já adotou uma nova identidade. Ele agora acredita, já experimentou, e basta a ele socializar suas idéias com os outros, especialmente como dizem, com aqueles que ainda não participaram dessa experiência.

Segundo os depoimentos, a mudança de vida passa por quatro passos essenciais. Primeiramente, a pessoa ingressa, passa a conviver com a situação. Passado o trâmite, cabe a ela escolher se admite ou não essa vivência. Os jovens do grupo, depois de acometidos por essa experiência, encaram como diferentes do estágio pelo qual entraram. Diferentemente daquele que entra, “participa”, e não consegue absorver nada, e por isso sai, pois para ele nada foi acrescentado. Os indivíduos que ingressam nestas atividades possuem duas escolhas, a de permanecerem e a de procurarem outras oportunidades. Tendo em vista o processo acolhedor que defendem, a

³¹ Ver anexo “A” – Entrevista n.º 05, p. 62.

pessoa que aceitar permanecer será bem acolhida, mesmo fora daquele ambiente, diferentemente de outra pessoa, que não terá raiz nenhuma com aquela comunidade.

O discurso apontado por esse movimento visa à mudança de hábitos, mudando a vida das pessoas, mudando a visão deles, e utilizando as mesmas palavras de um depoente, estão *“trazendo uma nova vida como foi trago uma nova vida para mim”*. Assim, o discurso visa a atingir, por meio do contato, o modo de vida das pessoas, isto é, seguem como um roteiro de auto-ajuda e, a partir do conhecimento dos seus problemas, uma nova sugestão de vida lhe será imposta.

Com isso encara-se essas vivências como experiências de transformação onde o indivíduo se porta como um ser fiel ao que acredita, identificando Deus como um ser bondoso, um amigo, como ratificam através de seus depoimentos

“assim é... Deus pra mim é simplesmente tudo, é razão do que me faz em pé até hoje, razão que me faz buscar, entender, buscar é... conhecimento, buscar a Igreja Católica, é a razão do meu viver e quando eu não transpasso Deus para as pessoas atualmente é... já não tem muito sentido essa caminhada”.³²

“Deus é tudo, é aquele que ajuda no dia-a-dia, é aquele que indica o caminho, é aquele que leva o caminho, é a única verdade, é a única certeza, e é lógico que é pela fé. Quando falo que Deus é tudo, é porque aquele que está do meu lado sempre, ta no meu lado nos momentos alegres, nos momentos de dificuldades, nos momentos em que, na hora em que a gente pensa em desistir, e ele que vem sacode e ajuda a gente sacudir a poeira e continuar na caminhada, mas do que isso é aquele que é o futuro também, futuro é... não futuro é... somente aqui na terra, mas futuro principalmente com a vida eterna, em busca dessa eterna felicidade, dessa eterna memória, dessa certeza mesmo de querer alcançar algo melhor do que nós estamos aqui.”³³

“Deus pra mim é um cara assim espetacular. Ele é de tudo um pouco na minha vida. É... Ele me ajuda, é um verdadeiro amigo. Ele que me dá sustento, ele que me leva, me ajuda a praticar sempre o bem, sem

³² Ver Anexo “A” – Entrevista.n.º 01, p. 53.

³³ Ver Anexo “A” – Entrevista n.º 02, p. 55.

pecado, sem tentar viver sem pecado, não completamente sem pecado que é impossível, mas sempre seguir uma, uma, uma sempre tá tentando seguir uma linha reta, sempre o bem e como eu disse Ele é meu amigo, eu considero Deus como um amigo”.³⁴

Essa certeza de que tanto falam parece estar atrelada à confiança que a Igreja, como instituição, oferece. Pensar, segurança e liberdade, dentro de um espaço de tempo que é limitado, em que as relações sociais também são momentâneas.

Interpelando sobre o papel da Igreja no favorecimento da mudança de vida por parte dos jovens, obteve-se a seguinte resposta: *“acredito sim que a Igreja pode ajudar o jovem, mas a partir do momento que o jovem quer ser ajudado”*. Essa ajuda a que se refere parece dotada de aceitação de uma ordem, vista pelo lado racional, como estranho. Quando a pessoa se filia a uma corrente, e passa a participar de suas práticas, ela põe em custódia, os pensamentos contrários a tal metodologia, até porque com contradições, não é possível alimentar nenhum dos lados.

Esses indivíduos, quando inseridos em comunidades, passam a defender seus objetivos, assim como defendem as suas teses e passam a excluir ou negar qualquer outra ideologia que não a da sua comunidade. E no caso da comunidade religiosa, passam a defender *“em tese”* os princípios da sua doutrina. Como eles defendem seus princípios, passam a abominar o ponto de vista dos *“de fora”*, os quais não admitem os seus princípios como válidos.

Esses jovens que praticam a religiosidade como direito essencial à vida, possuem por detrás de uma crença fatores sociais que os levaram a defender o que acreditam.

Diante de todo o espaço social, vive-se em um mundo que se desenvolve a cada dia e que não cessa o seu crescimento, nem se limita ao que já se tem. As pessoas estão a cada momento se diferenciando das

³⁴ Ver Anexo “A” – Entrevista n.º 03, p. 57.

demais, sendo alguns povos considerados como desenvolvidos, enquanto outros estão na situação de em desenvolvimento.³⁵

A História mostra que atualmente cenas “maquiavélicas” tomam conta da vida das pessoas, como: a miséria, a fome, a luta constante de reforma agrária, a corrupção, o medo acrescido de insegurança e a falta de estabilidade social que tomam conta da vida das pessoas. Por isso muitos se deslocam a pedir ajuda em algum lugar. Essas buscas³⁶, relacionadas na maioria das vezes ao sagrado, e dotadas por uma orientação religiosa, fazem com que muitos, segundo seus critérios de aceitação e crença, retirem ou encontrem força em meio às inquietações do presente, não furtando do conhecimento das esferas sociais, mas, se inserindo em um campo, onde acreditam poder encontrar um refúgio, na hora em que situações difíceis começam a surgir.

A busca pela fé foi um dos fatores mais marcantes nesse final de milênio como nos mostraram as autoras Jurkevics e Evandra Grigoletto, sendo que nesta mesma matéria publicada pela Folha de São Paulo, em 1999, a religião foi responsável pelos maiores eventos de massa no Brasil.”³⁷ Essas procuras, evidenciadas pelas buscas que as pessoas acreditam estar alcançando com a sua participação em movimentos religiosos fazem sentido quando há uma necessidade frente às ansiedades do mundo moderno, devido aos reflexos da globalização, ou seja, do estreitamento das relações de consumo e a qualidade de vida das pessoas, que de uma forma ou de outra, trazem alterações na economia e no padrão de vida da sociedade.

O que vemos são argumentações a respeito da religião na modernidade atual e como as mentalidades e valores dos jovens inseridos nessa comunidade religiosa fazem com que adaptem o seu modo de vida ao da Igreja e entre si estabeleçam um diálogo de presença e participação. O contexto

³⁵ **SILVA, Raquel Marta. Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das gerais – Uberaba, 1959/2001.** 2002. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

³⁶ O texto faz referência às diversas ondas de desespero trazidas pela globalização atual. O Brasil considerado como um país de inúmeras religiões, tem no catolicismo a maior concentração de fiéis, em relação às outras religiões. Diante do desespero, as pessoas partem cada vez mais para a busca de soluções para os seus problemas, muitas das vezes relacionadas a problemas familiares e financeiros.

³⁷ Conforme informação divulgada pela Folha de São Paulo, em 26/12/99, numa reportagem intitulada “A busca pela fé”.

religioso, bem como o papel da Igreja Católica faz com que se admita cada vez mais jovens em seus espaços, considerados por eles sagrados e, com isso, cresce a busca pelo novo, conhecendo o que acreditam que seja o ser metafísico, ou melhor, o ser espiritual.

Desse modo passemos a observar como a religião Católica, por seus movimentos, enfrenta e analisa esses problemas sociais e se ela possui uma vertente racional para os anseios de sua comunidade, já que a comunidade se une à Igreja, a fim de “garantir” uma solução para os seus problemas. A Igreja também recebe as transformações advindas da sociedade atual, e a mesma para recepcionar e criar um cenário atrativo aos seus consumidores, trabalha seu discurso a fim de proporcionar um ambiente que seja convidativo.

CAPÍTULO II

3. PENSANDO A SOCIEDADE ATUAL.

Desenvolve-se um processo de construção de uma cultura em âmbito global. Não apenas a cultura de massa, já desenvolvida e consolidada desde meados do século XX, mas um verdadeiro sistema-mundo cultural que acompanhe o sistema-mundo político-econômico resultante da globalização.

Frederic Jameson considera os anos 1960 como o início desses resultados, entendida por ele como lógica cultural do capitalismo tardio.³⁸ Mas, apenas a partir da década de 1970 o debate em torno do tema torna-se mais inflamado. Diante desta condição sócio-cultural e estética do estágio do capitalismo pós-industrial, que é o contemporâneo, Frederic identifica esse período analisando as raízes dessas discussões, como o período em que vivemos a crise cultural, motivada pelo desencanto que se instala na cultura acompanhado da crise de conceitos fundamentais ao pensamento moderno, tais como “Verdade”, “Razão”, “Legitimidade”, “Universalidade”, “Sujeito”, “Progresso”, etc.³⁹

Ao lado dessa problemática, existe uma corrente que analisa esses problemas, e que até mesmo Jameson defende, que é o conceito de Pós-Modernismo, ligado diretamente a corrente marxista, que apresenta uma razão para as dificuldades encontradas no cenário sócio-político e cultural. No entanto, esse tema merece uma melhor abordagem e seria mais agradável discuti-lo separadamente em outra oportunidade, com suas formas e sentidos, para que não tenhamos precocemente, uma resignificação de um conceito tão brando como as idéias atribuídas à sociedade.

Voltando a discussão à crise de conceitos fundamentais de que trata Jameson, verifica-se que são as próprias concepções de mundo que ajudam na interpretação desse conceito. O modo como cada indivíduo participa da sociedade, as suas dificuldades em estabelecer raízes, a grave ameaça

³⁸ CHEVITARESE, L. As razões da pós-modernidade. In: Análogos. Anais da I SAF-PUC. Rio de Janeiro: Booklink., pág. 01

³⁹ Idem, p.01

lançada pelas redes de comunicação de massa, discutindo valores diante do espaço social.

Analisando a nossa historiografia, percebe-se que houve a necessidade de se experimentar o moderno para se conhecer as suas conseqüências. A razão por alcançar descrédito na sociedade atual é salientada pela exclusão social, pelo não nivelamento das camadas sociais, ocasionando má distribuição de renda nos países. E, como na sociedade tudo é monitorado pela globalização, não há mais espaço para suprir as ansiedades e remediar o descontentamento social.

A respeito desses desacertos, Chevitarese considera particularmente importante

“o Desencanto na Cultura, entendido como perda de horizontes, sensação de caos, incerteza e relatividade, é algo que desde o início da modernidade encontrava-se embrionário, implícito nas próprias exigências críticas da Razão – o que gostaria de chamar de “a outra face da moeda iluminista”.⁴⁰

O desencanto na cultura é, com certeza, fator preponderante nos niveladores sociais. Tem-se a necessidade de se buscar segurança na sociedade atual, no entanto, não são meios para se alcançar instabilidade. Max Weber também identifica esse desencantamento no início do século XX, quando caracteriza o advento da modernidade como um processo crescente de “*racionalização intelectualista*”, intimamente ligado ao progresso científico, que levaria ao “desencantamento do mundo”.⁴¹

Ao que se refere ao progresso científico, os cientistas buscavam o domínio científico representando o aceno de uma ambicionada segurança, que nos afastaria dos infortúnios ligados à imprevisibilidade do mundo natural. Presenciamos que a tecnologia com todas as suas ambições queriam superar a própria natureza, ressaltando a capacidade da razão humana. No entanto, Cheviretse, nos diz que “*esses sonhos foram demasiadamente caros para a*

⁴⁰ Idem, Item 40, p.06.

⁴¹ WEBER, Max. (1968) apud CHEVITARESE, L, p.03.

humanidade, pelos quais se permitiu a hipervalorização do conhecimento objetivo e científico”.

A religiosidade moral como a estético-expressiva são esferas que foram dominadas pelo desastre da modernidade defendido por Ken Wilber, ou seja, por *“uma patologia, que logo permitiu que uma poderosa ciência moniológica colonizasse”*. Com o investimento cultural na racionalidade universal e na ciência exigiu uma restrição na liberdade individual. Até mesmo ao ponto que os frutos da ciência dolorosamente começaram a marcar eventos profundos na sociedade atual, dentre esses as duas grandes guerras mundiais, Auschiwtz e Hiroshima.

Se de um lado temos uma crise cultural justificada pela modernidade líquida, onde tudo o que ocorre é por conseqüências de um sistema capitalista, como diz Bauman, de outro se passa a inserir no contexto social comunidades que frisam o amadurecimento do corpo social, acolchoados em um determinado espaço físico, que vão nortear a vida de seu grupo mediante a crise dos conceitos fundamentais. A ciência apostou alto no avanço tecnológico, o que faz com que colhamos agora não mais benefícios, mas desastres e conflitos que margeiam o medo, a insegurança que necessitam urgentemente de ser medicados. Com a onda crescente de desespero motivado pela crise cultural, renasce o movimento religioso no cenário popular, estabelecendo “contratos” entre seus membros de uma busca por segurança no ambiente sacro. Assim, o estágio atual da nossa civilização, configura-se como uma reação cultural, representa uma ampla *perda de confiança* no potencial universal do projeto iluminista.⁴²

A sociedade atual tem sido caracterizada por uma “sociedade de consumo”. Baudrillard ressalta que *“o lúdico do consumo tomou progressivamente o lugar do trágico da identidade”*.⁴³ Para ele vivemos em uma cultura na qual “a televisão é o mundo”: somos submetidos a uma torrente interminável de imagens, a um bombardeamento de signos sem profundidade ou fragmentados, que constituem um convite ao fascínio estético e à recusa de juízos morais.

42 FEATHERSTONE (1995) apud CHEVITARESE, L, p.07

43 BAUDRILLARD, J. (1981). apud CHEVITARESE, L, p. 10

Deste modo, será abordada a seguir a identidade vivenciada no interior do círculo aconchegante, dotado implicitamente, ora de “segurança”, ora de “liberdade” que são as comunidades, dando ênfase, a uma comunidade religiosa de um movimento católico, onde jovens participam de práticas religiosas.

3.1 VIDA EM COMUNIDADE RELIGIOSA: IDENTIDADE OU PERTENCIMENTO?

Procurando estabelecer alguns parâmetros que justifique a presença de jovens em práticas religiosas, é necessário, primeiramente, definir o que vem a ser uma comunidade. É por meio dela que se conseguirá fazer uma ponte entre a busca desses jovens pelas práticas religiosas e a sociedade atual, explicando do ponto de vista de alguns autores, como se dá essa formação por grupo de pessoas. Não é objetivo aqui diferenciar comunidades, mas apresentar alguns de seus princípios que levam a pensar a permanência nestes, que demonstram um local de interação social.

Na introdução do livro de Zygmunt Bauman⁴⁴ *“Comunidade: A busca por segurança no mundo atual”*, o autor define a comunidade como algo bom, algo perfeito, alvo de muita das nossas vontades, um lugar onde tenhamos boas companhias, confiança e segurança pessoal.⁴⁵ Só que para alcançar essa segurança temos que ter em mente que teremos que deixar de gozar de uma parte da nossa liberdade.

Viver sobre esse asilo protegido com a semelhança de um paraíso perdido. Mas essa comunidade tão sonhada encontra desafios em nossa realidade, pois o que as pessoas buscam nem sempre é encontrado na sua

⁴⁴ O trabalho deste sociólogo emérito desmonta toda complexidade que se poderia ter do termo comunidade. Obra de venerável admiração, pois o autor trabalha não só o sentido etimológico da palavra como toda a sua transformação ao longo do desenvolvimento do capitalismo, através da modernidade, dos avanços tecnológicos, da globalização. O autor trabalha através desta obra toda a expressividade do individualismo perante a sociedade. O modo como vivemos, despertando os interesses a civilização, a liberdade e a segurança. E **esses** dois termos – liberdade e segurança – estão em pauta no todo discorrer de sua obra. O ato de se deixar equilibrar os dois direitos fundamentais do homem. Utilizando termos pouco utilizados no nosso cotidiano, o autor explica todo o processo de participação do ser humano em sua vida social, na maioria se não em todos os modos de vida em coletividade. Bastando apenas compreender o sentido de comunidade como a junção de dois ou mais indivíduos para perpetuar todo o processo de desenvolvimento de um conglomerado de pessoas.

⁴⁵ **BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003, p. 07

totalidade. Isso porque para a idealização desta comunidade seria necessária uma ambivalência entre os sentidos de segurança e liberdade.

No mundo atual, quando a pessoa busca viver em segurança, automaticamente, vai comprometer a sua liberdade, pois esses sentidos se apresentam opostos. Daí a pensar porque hoje, muitas pessoas reunidas em grupos formam condomínios fechados onde passam a conviver estreitamente com as pessoas de seu grupo, fechando um pouco as cortinas da sua casa às informações de miséria e conflitos sociais advinhas de recursos áudios-visuais como o sistema de televisão, rádio, a Internet, e até mesmo por e-mail.

Para Bauman, o grande desafio estaria nesse comportamento de segurança e liberdade. Para ele, a aplicação desses dois direitos fundamentais resulta em doação, pois não é possível viver com liberdade sem segurança, e nem com segurança sem liberdade. A balança que equilibra esses dois direitos está relacionada ao uso abusivo do verbo poder, que Zygmunt trabalha.⁴⁶

O que a comunidade evoca é tudo aquilo de que as pessoas sentem falta e de que precisam para viver seguros e confiantes. O que nós vivemos na sociedade atual se diferencia da comunidade de nossos sonhos, por isso Bauman estabelece que existe essa diferença entre a comunidade que sonhamos e a *“comunidade realmente existente”*. O autor interpreta o modo como vivemos na atualidade com o desenvolvimento do capitalismo moderno, e apresenta as consequências desta drástica traição estabelecida pelos primeiros seres humanos. O autor diz que, por mais que nos esforcemos na nossa vida cotidiana jamais seremos capazes de estabelecer o paraíso novamente. Esse paraíso com que todos sonhamos não está ao nosso alcance. O autor chega a dizer que por mais que derramemos o suor de nosso trabalho, o nosso esforço será insuficiente para nossa restauração.⁴⁷

Os sonhos seriam de uma vida segura. No entanto, a maneira como o mundo impõe as coisas faz com que a nossa insegurança se intensifique cada vez mais, ao contrário da promessa que o mundo reluta em prometer. Mesmo

⁴⁶ Idem, p.11

⁴⁷ Ibidem, p. 22

assim, continuam sonhando, tentando e fracassando, com esperanças e não realizações.

Alcançado esse nível de insatisfação, começamos a forjar no nosso comportamento diante dos estranhos. Alimentamos assim a exclusão, a partir do momento em que reclassificamos o outro. As ameaças dirigidas a eles, representam, segundo Bauman, um limite degradante, em que essas ameaças parecem difíceis de serem nomeadas e temos muita dificuldade em enfrentá-las.

Essas ameaças aparecem ocultas, porque, o que é visível em nossa sociedade, são as referências às coisas concretas, as ameaças ao que protege as ruas, as casas e corpos, assimilando os nossos medos com aquilo que visivelmente se acredita, omitindo o que está em seu comportamento, que é a diferenciação do outro, do estranho, do qual não nos aproximamos por recuo, por desconforto, por puro preconceito.

Há também, as percepções que relacionamos a violência urbana, onde esses estranhos desempenham os limites da nossa insegurança, e o perigo existente nos leva a enfrentá-los, fazendo com que medidas ostensivas e cautelosas, sejam tomadas para a preservação da ordem pública e da paz social.

Nesse caso em especial, a comunidade admite como medida indispensável para a restauração da segurança, identificando ainda mais às ameaças que dirigimos aos que rondam as nossas casas, propensos a subtrair as coisas alheias. Diante da diversidade social que nos assola, a vida urbana passou a ser perigosa, sendo que os sujeitos desses medos são, nada menos, do que esses estranhos. Por causa dos nossos medos, se vêem cada vez mais estreitas as nossas relações, e por estarem longe das promessas da comunidade dos nossos sonhos, o que se vê atualmente não é nenhum pouco dotado de mesmice nem tampouco da mínima diversidade. A comunidade realmente existente necessita de simplificação para que possa desobstruir a passagem entre o sonho e a realidade.

Tendo em vista, os liames sociais por onde perpassam as diferenças entre o sonho e a realidade, Bauman vai dizer que:

“as duas tarefas que deveriam ser evocadas pela comunidade para enfrentar diretamente as patologias da sociedade otimizada de hoje num campo de batalha verdadeiramente relevante são a igualdade dos recursos necessários para transformar o destino dos indivíduos de ‘júri’ em indivíduos de fato, e um seguro coletivo contra incapacidade e infortúnios individuais”.

Diante desse propósito que se poderia voltar ao valor de uma comunidade original, pois a sociedade de mercado abandona todas essas tarefas, mas a comunidade ela evoca, a luta em defesa dessas tarefas abandonadas.

Sendo a humanidade una, o diferencial que possuímos para nos dividir é explicado pelo multiculturalismo, ou seja, as várias expressões de cultura que existem, que fazem com que analisemos de diversos pontos de vida, como todos nós sobrevivemos nesse mundo cada vez mais globalizado. A globalização não somente representa um bicho de sete cabeças, como cada uma dessas cabeças se direciona a cada nivelador social.

Benedetto Vecchi⁴⁸ traz na introdução de outra obra de Bauman, denominada “Identidade” que *“a comunidade representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta”*. Para Vecchi o que presenciamos são contrastes oriundos da crise que se estabelece no mundo e que segundo a política da identidade, fala-se a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização.⁴⁹

As pessoas por mais distintas que possam parecer possuem sempre um lado em comum. Assim, sociedade e comunidade são termos universais. Independem de credo, raça ou cor, mas sofrem determinações religiosas e políticas. Paralelamente aos fatores sociais que justificam uma comunidade formada por seu caráter específico, em todo o mundo existe uma comunidade,

⁴⁸ Jornalista italiano que realizou [essa](#) entrevista, onde Zygmunt Bauman, analisa as muitas consequências da “modernidade líquida” para a identidade – da vida em sociedade aos relacionamentos amorosos.

⁴⁹ **BAUMAN**, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005, p.13

uma sociedade, uma nação. Como cada comunidade organiza o seu espaço é que vai demandar os fatores políticos para gerenciar a vida entre indivíduos. Só que para governar/dirigir/gerenciar cada grupo de pessoas se tem a necessidade de acompanhar a estrutura econômica e social do mundo, capitalista na sua maioria. Os fatores externos, como o índice de desenvolvimento humano, o fundo financeiro internacional, as burlas que servem de cabeceira de cama aos chefes de Estado que são regidas pelas normas internacionais que fazem com que aconteçam os desacordos sociais. O que provoca admiração é que os “extraterritoriais”⁵⁰ tenham duas facetas, a de um político nacionalista e há de um refugiado que tenta esconder a si e a sua família da realidade de seu país. Todos têm um direito em comum, principalmente em países democratas, em que o direito do cidadão aparece entre linhas.

Bauman além de estabelecer seus conceitos a respeito da identidade de uma comunidade, dirige-se a diálogos com autores que classificam a comunidade de diferentes maneiras. Vejamos a seguir cada particularidade de uma comunidade vista por autores que trabalham com a nossa cultura, e explicam a característica de uma comunidade.

Ferdinand Tonnies indica que o entendimento no interior dessas comunidades é tácito, ou seja, está implícito no modo de vida de cada um, sendo compartilhado por todos os membros como uma verdade. Seria a congruência de uma sociedade moderna em ascensão mais a estrutura de uma sociedade antiga que se daria no que identifica como “*entendimento compartilhado por todos os membros*”. Nesse discurso é possível enxergar esse “claro” do compromisso com o outro, não é preciso questionar valores, mas entendê-lo do ponto de vista de quem os pratica.

Acredita-se que as comunidades antigas foram criadas com um objetivo de assimilar a sua convivência em grupo, fazendo com que nascesse em seu

⁵⁰ Bauman se refere aos bem-sucedidos, que se analisam auto-suficientes. Refere-se aos filhos dos militantes que obtiveram suas promoções individuais graças ao seguro comunitário contra azares individuais que os pais construíram para eles. Em suma, são as pessoas que se distanciam dos compromissos sociais, por ter uma boa condição social, vivendo as margens como extraterritoriais.

convívio, o corporativismo, o auxílio, a auto-ajuda, tornando assim cada vez mais forte e confiável a vida em coletivo. Como o próprio Bauman diz, a própria palavra comunidade denota uma sensação positiva e por meio deste corpo social, as pessoas participam de modo a doar as suas ações em benefício dos outros. Esse grupo de pessoas submetido a uma regra, seja ela religiosa ou não, possui os seus ideais pautados na coletividade. O individualismo parece não ganhar força nessa comunidade, pois o objeto jurídico de maior valor para eles, ou seja, a vida, parece ser protegida e assegurada pela união.

Goran Rosenberg, sagaz estudioso sueco, diz que o entendimento é intuitivo, e explica por meio do que denomina “*círculo aconchegante*”, a condição humana comum.⁵¹ Segundo ele, as pessoas dentro do círculo não precisam provar nada e podem, o que quer que tenham feito, esperar simpatia e ajuda. O ciclo aconchegante que prega Rosenberg é capaz de estabelecer muros, fazendo com que o sujeito passe a conviver entre indivíduos da mesma espécie que possuem objetivos semelhantes como o que mostra a sociedade atual com os condomínios residenciais fechados, ou seja, em seu interior se encontra o círculo aconchegante onde pessoas desfrutam de uma segurança que foi planejada, justamente para assegurar ao coletivo, a possibilidade de se viver melhor.

Robert Redfield⁵² já diz que a comunidade é fiel à sua natureza, ou a seu modelo ideal, portanto não há motivação para a reflexão, a crítica ou a experimentação. Ele apresenta a comunidade a partir de três características essenciais. Em primeiro lugar, a comunidade é distinta, é visível no dizer dele “onde a comunidade começa e onde ela termina”; em segundo lugar, a comunidade é pequena, a ponto de estar à vista de todos seus membros; e por último a comunidade é auto-suficiente pois oferece todas as atividades e atende a todas as necessidades das pessoas que fazem parte dela. Conclui que “*enquanto cada um do trio estiver intacto, é muito pouco provável que a motivação para a reflexão, a crítica e a experimentação possam surgir*”.

⁵¹ ROSENBERG, Goran (2000) apud BAUMAN, Zygmunt (2003), p.16.

⁵² REDFIELD, Robert (1971) apud BAUMAN, Zygmunt (2003), p.17.

Quando a comunidade recebe interferência do lado externo e a comunicação entre os de dentro e os de fora se intensifica, a mesmice se evapora, pois não haverá mais o distanciamento entre os dois pólos. A partir do momento em que a informação passa a viajar, independente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte, a fronteira entre os de “dentro” e os de “fora” não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida.

O acordo estabelecido dentro dessas comunidades é um acordo comum entre os de dentro, pois a partir do entendimento comum, eles passam a conviver de uma forma natural com o que acreditam.

Segundo Bauman, a comunidade realmente existente se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e freqüentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranquilidade comunitárias terão que passar maior parte de seu tempo.⁵³

Podemos justificar, assim, por que uma comunidade de grupo de jovens apoiado por práticas religiosas não se dissolve facilmente, pois como apresenta Redfield, o grupo apresenta essas três características que fazem parte de sua constituição. Se no grupo o indivíduo compartilha dos seus sentimentos, e encontra o que busca, é inevitável que ele se mantenha nesse ciclo.

Em seus depoimentos, nota-se que eles sempre estão “*participando*” de várias maneiras, aprendendo, ensinado, organizando, e isso é normal de qualquer comunidade, que se resume na interação de um grupo para um fim específico. A identidade de um cristão já está constituída, nasce pronta e o indivíduo quando se insere, dá continuidade em seus trabalhos.

Pico Della Mirandola afirma que “*com um artífice livre e soberano, você pode construir sua própria forma a partir da sua própria substância*”. Sendo assim, se a pessoa tiver uma ideologia pré-estabelecida ou até mesmo formada quando na inserção de um grupo, tomaria mais cuidados sobre o que ouviria e, deste modo, a sua participação se restringiria ao que melhor lhe

⁵³ Idem, Item 49, p.19

conviesse. A possibilidade de debate frente ao questionamento viabiliza a oportunidade de esclarecer dúvidas e falhas na sua interpretação. A condição humano, pré-estabelecida pelo raciocínio lógico humano permite a todo ser humano com condições físicas e mentais a capacidade de dialogar com as informações e a partir dela construir a sua própria ideologia.

Pela idéia do autor a pessoa sem substância teria dificuldades de manter regular a sua vida social, pois não encontraria motivos justificáveis de se relacionar melhor. A substância seria como uma ideologia de vida, pessoas criativas com argumentos que possibilitassem o questionamento de valores e em condições de debater sobre os assuntos casuais da atualidade. A substância ocorreria como alimento, como conhecimento fruto do seu intelecto. Por isso, uma pessoa sem condições de se arranjar sozinha, teria uma grande oportunidade de não conseguir superar as transformações a sua frente, haja vista a ausência de substância necessária a sua compreensão.

O que as pessoas esperam encontrar ali é uma segurança que seja confiável, que permita valorizar o seu interior, fugindo até mesmo dos conceitos dela própria, vivendo em um lugar onde se ensinem e a coloquem a viver segundo alguns padrões que não o que faria se dependesse da sua criatividade. O novo traz muitos transtornos e receios. Acredita-se que, se existisse alguma norma estabelecida, o sujeito se afastaria da obrigatoriedade de constituir um modo de vida particular, se inserindo em padrões pré-estabelecidos.

Bauman analisa essa dependência para os indivíduos que não têm recursos e nem autoconfiança e diz que *“tudo o que esses querem ouvir é a sugestão de que a coletividade em que buscam abrigo e da qual esperam proteção tem um fundamento mais sólido do que as escolhas individuais reconhecidamente caprichosas e voláteis.”*⁵⁴. Essas pessoas buscariam o que Jeffrey Weeks denomina *“comunidade de identidade”* que segundo ele

“... lhes dá uma sensação de resistência e poder... Incapazes de controlar as relações sociais em que se acham envolvidas, as pessoas encolhem o mundo para adaptá-lo ao tamanho de suas comunidades e agem politicamente a partir dessa base. O resultado é com frequência

⁵⁴ Idem, Item 53, p.91.

um particularismo obsessivo como modo de enfrentar e/ou lidar com a contingência.”⁵⁵

Percebe-se que nem todas as pessoas possuem uma estrutura de conceitos bem alicerçada. Dentro das comunidades, existe interação, entendimento comum, compromissos, e o seu corpo é formado por pessoas de diversas personalidades, isto porque somos diferentes. As pessoas que moldam a sua vida de acordo com parâmetros pré-estabelecidos são vista por Mirandola como seres sem substância, que não conseguem construir sua própria ideologia.

O fundamentalismo religioso contemporâneo é explicado por Bauman, quando assume um efeito combinado de dois desenvolvimentos em parte relacionados.⁵⁶ O primeiro é o da erosão, em que não há mais a congregação de fiéis, pela própria quebra da essência, da desintegração promovida pela evasão. O segundo se presume pela nova forma líquida que a vida moderna assumiu, que diz respeito aos selecionadores involuntários e compulsivos que todos nós nos tornamos em nosso ambiente social. O indivíduo desiludido pela opressão, pelo ambiente social dividido, estabelece uma condição de vida, o comportamento de selecionador por necessidade. Os indivíduos buscam o que lhes é imediato, de fácil acesso, pois a vida deles está insegura.

Por esses motivos, o fundamentalismo religioso oferece essa falta de segurança, oferecendo um sentimento de certeza e elimina todas as dúvidas do código de comportamento simples, de fácil absorção, que oferece. Dentro deste espaço, religioso, protegido pelo seu corpo, pelo ambiente físico e social, essas pessoas, as quais Mirandola definiu como “sem substância” até mesmo pelo caráter depressivo, enxergam essa possibilidade de viver afastado do caos que se vive no mundo exterior. Segundo Bauman a inserção de pessoas nestes ambientes é na maioria proferida pela parcela destituída e empobrecida da população, ou seja, aqueles que são privados da dignidade humana, portanto as congregações assumem obrigações e deveres que foram abandonados pelo Estado social, o qual deveria cuidar desses problemas. O papel do fundamentalismo religioso é interpretado levando em consideração a desigualdade e a injustiça que estão presentes no espaço social. A vida que

⁵⁵ WEEKS, Jeffrey (1993) apud. BAUMAN, Zygmunt (2003), p.91-92.

⁵⁶ Idem Item 53, p. 92.

almejam não é proporcionada pela sociedade, mas pela comunidade, se pode obter uma vida significativa, um ambiente decente que possa contribuir para a satisfação pessoal.

O grupo religioso é comparado a comunidades estéticas. A vida em comunidade oferece vários modos de interpretar a sua vida. A pessoa que está inserida nesse ciclo acaba por se deixar levar pelas construções preexistentes, como, por exemplo, pelo discurso religioso proferido pelos livros sacros e aos dogmas de sua religião. Sem querer interpelar por nenhum dos entrevistados, a possibilidade de um jovem encarar a realidade como acontecimento profetizado aumenta a partir do momento que ele acredita que o que está escrito é verdade.

Acredito que o objeto de estudo é um gueto com diz Bauman, um lugar onde se “fecham” indivíduos sobre a lógica da segurança, do apoio, da troca de experiências, mesmo que isto esteja tácito, e por estarem ali cultuem de uma religiosidade. O grupo é uma comunidade religiosa na qual jovens reunidos pela sua crença no sagrado participam de conteúdos esporadicamente cristãos e pode-se notar através deste depoimento como é interpretado o espaço da Igreja direcionando o comportamento desse jovem nessa prática:

“Eu acredito que a Igreja, ela tem um papel fundamental na vida do jovem hoje porque o jovem essa sentindo muito sozinho, os pais saem para trabalhar, saem de casa buscando dar o conforto principalmente no caso da modernidade está se exigindo muita coisa moderna, então ele está se sente sozinho e na Igreja ele está buscando esse apoio porque ali ele está encontrando talvez o carinho, que ele... não se encontra facilmente o carinho verdadeiro, uma compreensão mais justa, é não, encontram pessoas que falam a mesma língua, conversam o mesmo tema e discutem a mesma realidade, pessoas que ele possa confiar porque hoje o que ta faltando também hoje é a falta de confiança, o que está existindo hoje é uma grande falta de confiança, não se confiam mais nas pessoas porque pela própria realidade que se vive. Então na Igreja o jovem busca isso e tem se encontrado, lógico, como eu disse antes a Igreja, ela é pecadora, então, somos seres humanos limitados, a gente tende a errar e muita das vezes criam-se alguns atritos e tal, mas isso é superado pelo amor que o jovem encontra ali dentro. E a Igreja, ela não vai acabar justamente porque existe esse lado, onde é...há esse resgate do jovem para a Igreja.”⁵⁷

⁵⁷ Ver anexo “A”, p.

Por essa narrativa vê-se que a solidão de uma pessoa está relacionada à participação em uma prática religiosa, os fatores (insegurança, medo) rodeiam a vida do indivíduo e o induz a acreditar que a sua solidão será remediada pela participação em um contexto religioso. Por exemplo, o que se entende por uma compreensão mais justa. O fato de os pais trabalharem e deixarem o filho em casa sozinho é bastante comum na nossa sociedade. O fato de os pais não terem dinheiro para comprar o que é do gosto do filho também. E essa solidão só existe porque na sociedade atual, não há mais espaços para caprichos. Tem que se pensar em uma maneira de sobreviver, e por isso os filhos desde cedo têm por contato esse compromisso.

Esse gueto constrói um quebra-cabeça que nos faz pensar a respeito de como vivem esses indivíduos. Em “Identidade”, o autor diz que “a *‘modernidade líquida’* coloca a identidade em um processo de transformação que provoca fenômenos como a crise do multiculturalismo, o fundamentalismo islâmico ou as comunidades virtuais da Internet”. Vecchi parafraseando uma das respostas de Bauman a respeito da identidade, afirma com segurança

“que a globalização, ou melhor, a *‘modernidade líquida’*, não é um quebra-cabeça que se possa resolver com base num modelo preestabelecido. Pelo contrário, deve ser vista como um processo, tal como sua compreensão e análise – da mesma forma que a identidade que se afirma na crise do multiculturalismo, ou no fundamentalismo islâmico, ou quando a Internet facilita a expressão de identidades prontas para serem usadas.”⁵⁸

O que isto vem a dizer é que as identidades passam a seguir a contemporaneidade, o processo de desenvolvimento, o “líquido” que hoje experimentamos, faz mudar o nosso modo de viver. Adotamos uma nova maneira de enxergar o mundo. Bauman diz que no caso da Identidade “o *trabalho total é direcionado para os meios.*” A identidade é algo que está em constante transformação, e não há um projeto acabado a respeito dela. A partir dessa afirmação dá para entender que o indivíduo trabalha para o seu aprimoramento para poder responder as inquietações futuras, no entanto, modelando a sua responsabilidade, pelos atos que pratica.

⁵⁸ Idem, Item 53, p. 11.

Ao definir a construção da identidade o autor nos fala que a mesma “*é guiada pela lógica da racionalidade do objetivo (descobrir o quão atraentes são os objetivos que podem ser atingidos com os meios que se possui)*”. E acrescenta que “*a tarefa de um construtor de identidade é, como diria Levi-Straus, a de um bricoleur, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão...*” Nota-se que no “jogo da vida”, o sujeito vive de acordo com os caminhos que lhe são oferecidos. A identidade caminha por sua biografia, o que nos faz pensar que as nossas escolhas tem muito a ver com o que almejamos, mas nem sempre isso ocorre, até mesmo pela ambivalência da identidade.

Bauman falando da insegurança que os indivíduos da sociedade presenciam atualmente, nos remete a um cenário do qual participaremos e com tom ousado vem a profetizar algum desses possíveis acontecimentos a respeito do futuro da sociedade. Demonstrando a “liquefação” como a principal força motora por trás do desenvolvimento da sociedade, o autor relata

“Estamos agora passando da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’. E os ‘fluidos’ são assim chamados por que não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluído, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando se disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de agüentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas. Autoridades hoje respeitadas amanhã serão ridicularizadas, ignoradas ou desprezadas; celebridades serão esquecidas; ídolos formadores de tendências só serão lembrados nos quizz shows da TV; novidades consideradas preciosas serão atiradas nos depósitos de lixo; causas eternas serão descartadas por outras com a mesma pretensão à eternidade(embora, tendo chamuscado os dedos repetidas vezes, as pessoas não acreditem mais); poderes indestrutíveis se enfraquecerão e se dissiparão, importantes organizações políticas ou econômicas serão engolidas por outras ainda mais poderosas ou simplesmente desaparecerão; capitais sólidos se transformarão no capital dos tolos; carreiras vitalícias promissoras mostrarão becos sem saída.”⁵⁹

⁵⁹ Ibidem, p.57-58.

Quando Bauman se refere a um ambiente fluído pode-se interpretar que ele quer dizer que devemos estar seguros quando da guinada dos nossos planos. Assim como ele diz, tudo pode se transformar, no entanto, uma coisa que chama a atenção é que esse alarde deveria ser mais trabalhado dentro dos movimentos religiosos, que seria o preparo dos indivíduos a conscientização e maior compromisso com o social.

O modo de vida desse grupo religioso se apresenta como uma identidade nacional política, que nada mais é do que a escolha do indivíduo de pertencer a uma comunidade baseada na associação de indivíduos de opinião semelhante. Essas pessoas buscam associar a formação da sua identidade, a condição de sua liberdade, no entanto estamos em constante transformação e não há como parar de nos movimentar, por isso um dizer que me agradou bastante foi o de Ralph Waldo Emerson, que é o seguinte: *“se você está esquinado sobre o gelo fino, a salvação está na velocidade”*. Então provavelmente o discurso religioso, às vezes é muito submisso, pois a pessoa espera por algo a respeito de que não se tem certeza. E se nada acontecer, e no fim da vida, ela poderá ter sido prejudicada por ter acreditado tanto em um tempo certo até o momento irracional.

Atualmente, o indivíduo tem a necessidade de se inserir em uma comunidade por não ter outro caminho. Como diz Bauman: *“você precisa submeter os seus interesses pessoais em benefício da solidariedade de que o seu grupo necessita para resistir a um grupo ainda maior que pretende tirar de você tudo que lhe é caro e violar os seus interesses”*.⁶⁰ Ou seja, o indivíduo se priva de alguns desejos para não conviver com que acha errado. No entanto, há uma errância em acreditar no que é certo ou errado, por exemplo, pensar o atual estágio do capitalismo e as práticas religiosas. Até que ponto devemos acreditar em dogmas, e até que ponto devemos pegar em armas. O mundo moderno, ou contemporâneo, atrai o indivíduo a cada momento pelo seu mercado consumidor, somos atraídos pelo desejo de possuir o que não podemos pagar.

⁶⁰ Ibidem, p.84.

Benedetto Vecchi analisa o discurso que conduz a libertação social e diz que “*em última instância, os vários fundamentalismos religiosos nada mais são do que a transposição da identidade para a política conduzida por cínicos aprendizes de feiticeiro*”. Segundo ele, a revelação desta transposição se dará no momento que o indivíduo deixar de ser conduzido e reconstruir o que denomina “*passagem da dimensão individual*”, que a identidade sempre tem, em convenção social, que apresente um entendimento mútuo para a defesa da responsabilidade social que Bauman faz referência.

Segundo Bauman existe uma ambivalência da identidade, e qualquer que seja o campo de investigação em que possa testá-la é sempre fundamental distinguir os pólos gêmeos que essa impõe à existência social: a opressão e a libertação. Bauman, segundo Vecchi

“está convencido de que a verdade só pode ser afirmada na ágora, removendo desse modo o véu do obscurantismo que impede essa mesma ambivalência de se tornar o lugar onde é possível experimentar o princípio da responsabilidade próprio de cada um.”

Deve-se ter em mente que é no espaço privilegiado da ágora, que se pode falar abertamente sobre assuntos como a atual irrestrita privatização da esfera pública. Para Vecchi, os fundamentalismos religiosos estão obrigando os indivíduos a se esconderem por detrás de uma identidade que não é a sua, mas para poder pertencer a elas, esses indivíduos acolhem as suas mensagens, tornam-se mensageiros em busca de uma segurança. A identidade pode ser vista de dois pólos distintos, em que se verifica a opressão (destituindo dos seus valores para poder viver em alguma comunidade) e pela libertação, em que o indivíduo vive para a sua idealização, podendo ser ele mesmo, não tendo que se apoiar em nenhum alicerce que não o da sua escolha. Pela libertação, é possível experimentar o princípio da responsabilidade onde cada um se verá como cidadão de direitos e obrigações e não terá que adular a sua identidade. Quando o indivíduo vive às margens da insegurança, Vecchi diz que está vivendo do processo em que se tem o “otimismo do pensamento e o pessimismo da vontade”, ou seja, a vontade nem sempre, prevalece.

Para Bauman, *“no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam.”*⁶¹. No mundo moderno contemporâneo você necessita ser volátil. É necessário que apreenda as transformações sociais e a sua origem. Pela própria necessidade do bem comum é preciso acompanhar o desenvolvimento, ser materialista, jogar segundo as regras, se apoiar em uma estrutura funcional para poder ser aceito pelo sistema.

Deste modo, indivíduos estão tendo que formar uma identidade que pressuponha disposição, para terem segurança. Segurança que está em contrapondo com a crise dos conceitos fundamentais, como os valores e a razão. Esses indivíduos estão fugindo da exclusão, não querem viver isoladamente, precisam pertencer a uma comunidade, para não serem alvos da obscuridade.

⁶¹ Ibidem, p.33.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que, sob os pólos gêmeos de Bauman, a identidade oscila entre a opressão e a libertação. A própria existência social recebe interferências desses pólos, ainda mais que a nossa liberdade de escolha é substituída pelo engajamento em uma comunidade que empresta a indivíduos uma identidade.

Vivemos em uma sociedade que se apresenta inserta, que no passado nos apresentou insegura, e a que a mesma no futuro nos parece tanto pouco duvidosa. Na maioria das vezes não podemos ser nós mesmos, pois nem sempre nos é correto ou justo, viver sob a vontade de nossa identidade.

Quando Bauman esclarece que aflitos pela falta de segurança, temos o “otimismo da vontade e o pessimismo da verdade”, estabelece uma crítica do fim da responsabilidade social de que deveríamos assumir, no entanto, obscurecidos por qualquer fundamentalismo, não nos é permitido o acesso a essa identidade.

A identidade hoje precisa ser volátil, com a necessidade de evoluir justamente para atender as oportunidades do mundo moderno. Quando inseridos em uma comunidade passamos a viver não isoladamente, mas em conjunto, apreciando a coletividade, assim como esclarece Bauman que

“no presente estágio planetário, o problema do capitalismo, a disfunção mais gritante e potencialmente explosiva da economia capitalista, está mudando da exploração para a exclusão. É essa exclusão, mais do que a exploração apontada por Marx um século e meio atrás, que hoje está na base dos casos mais evidentes de polarização social, de aprofundamento da desigualdade e de aumento do volume de pobreza, miséria e humilhação.”

Essa exclusão surte um efeito grandioso nas comunidades existentes, à medida que floresce o medo, a insegurança e a sensação de caos. Na afirmativa de Reddfiel, a crise dos fundamentos sociais também é um entendimento compartilhado por todos os membros, os quais estão “*desencantados do mundo*”, pois não há mais espaços para a individualidade nesse ambiente, pois não querem sofrer e compartilhar de suas angústias, em

um ambiente que não lhes forneçam “segurança e confiança”. O círculo aconchegante de Rosenberg é a representação ideal para esse espaço. Todos estão imbuídos da capacidade de assegurar uns aos outros, um ambiente onde possam desfrutar de tranquilidade. No entanto, como vimos, passam também a sofrer com a questão da liberdade. Sem falar também da negação do compromisso social, pois assim deixam de experimentar o princípio da responsabilidade social próprio de cada um.

Essa responsabilidade própria de cada um não é encontrada, pois não vive o que querem, o que almejam, pois diante das transformações sociais, nem tudo é possível, algumas vontades são suprimidas.

Quando inseridos em uma comunidade de identidade, as pessoas passam pelo provérbio que se diz que *“temer é acreditar”*. Nesse caso, um indivíduo com substância como diz Mirandola, teria uma “mente mais aberta” a entender sobre a questão dogmática. No entanto, a influência de valores dogmáticos passa a pertencer a sua concepção de mundo, ou seja, ao modo de interpretar as questões materialistas.

Por isso, a relação da modernidade com as práticas do movimento religioso católico se dá em uma relação de submissão, de opressão, dado o fardo das represálias pós-modernas. O espaço da Igreja exerce a função de congregações que sob a égide do fundamentalismo agrega a seus espaços essas identidades que não possuem uma segunda alternativa diante dos liames sociais.

A leitura a partir de jovens se explica pelo fato de estar trabalhando com aqueles que porventura poderão ser a base deste movimento, pois como foi explicado esse movimento se renova, então terá sempre aqueles que darão continuidade aos trabalhos. Por isso, a crítica é tecida pela premissa da organização destas comunidades, que enaltecem o compromisso com a instituição, com seus dogmas.

Nos depoimentos, não há nada de concreto em relação à espiritualidade, assim como não há em qualquer outra indagação dogmática. Verificamos que nesse ciclo as pessoas são muito dependentes, onde a figura de Deus abrange

muitas coisas em que acreditam. Seus propósitos estão intimamente relacionados à sua espiritualidade. O medo, a insegurança e a desestabilidade tanto emocional como familiar, foram tópicos reconhecidos pelo ingresso de contingente em seu meio, e admitem que a modernidade fez que despertasse nas pessoas a solidão, o sentimento de fraqueza e desta forma houve muita procura.

Podemos perceber também que a característica de uma instituição hospitaleira está garantida até que se permaneçam os conflitos, pois a auto-ajuda será sempre requisitada e só dependerá de cada um para se filiar novamente.

Em relação a esse tipo de comunidade, a relação que estabelecem entre si é uma troca de experiências, onde cada indivíduo aprende com o ensinamento do outro. Nesse caso, nota-se que a formação religiosa, da qual eles participam está relacionada vivência de sua fé. É com base na espiritualidade, que eles dizem estar se preparando para os momentos difíceis. Interessante também ressaltar que eles não negam o atual estágio da modernidade, no entanto, assumem as consequências, com base na sua doutrina, que segundo consta, a referência ao fim dos tempos. Por isso, segundo eles, estão se preparando para conhecerem “verdadeiramente” o mistério do qual aguardam.

Acredita-se que servidos desta comunidade, passem a viver a luz de uma errância, pois dominados pela ética e pela moral, julgando o que acolhem por verdade, por certo, por justo, por vezes não fazem aquilo que gostariam de fazer, de assumir, ou seja, interagir com a sua responsabilidade social.

A agonia de Tântalo que trata Bauman está intimamente ligada ao desejo de querer fazer e não poder. Ao ser condenado, Tântalo foi submetido a uma correção. Segundo o autor, o mesmo

“foi mergulhado até o pescoço num regato – mas quando abaixava a cabeça tentando saciar a sede, a água desaparecia. Sobre sua cabeça pendurado um belo ramo de frutas, mas quando ele estendia a mão

tentando saciar a fome um repentino golpe de vento carregava o alimento para longe.”⁶²

Tântalo tinha um pensamento voltado para a coletividade, com o propósito de compartilhar um conhecimento, no entanto a vontade dos deuses não permitia tal astúcia e pôs a prova Tântalo. Esse mito segundo a obra faz referência ao paraíso perdido de Adão e Eva. Era como se vivêssemos hoje o erro do “pecado original”, com todas as suas conseqüências assim como o castigo de Tântalo. No entanto, é estabelecido um questionamento diferente, dizendo que a partir deste mito nasce na nossa contemporaneidade à identidade ligada aos desejos, ao círculo aconchegante que representa a idéia de conciliar a liberdade e a segurança. Mas esse sonho não passa de utopia, porque esse círculo aconchegante está longe de acontecer. Ao lado disso, vivemos com as conseqüências do individualismo, marcado pelo multiculturalismo.

A sociedade impõe aos seres humanos, necessidades de esclarecimentos para que possa se tornar ético e moral. O primeiro perante as pessoas e a comunidade e o segundo perante si mesmo, correlacionando o seu modo vida com o que o grupo atende. A moral se relaciona às ações, isto é, à conduta real. A ética são os princípios ou juízos que originam essas ações. Pode-se dizer que a ética e a moral são como a teoria e a prática. A ética é a teoria moral, ou filosofia moral. Com isso interpelam a uma filosofia de vida destinada a cumprir com certos rigores o que o seu “eu” necessita.

Além disso, discutindo a ética deste grupo, percebemos que alguns comportamentos precisam ser discutidos historicamente. Segundo Hellern⁶³, muitas vezes pessoas com uma devoção religiosa ardente ou alguma outra visão da vida bem firme que abriram caminho para mudanças sociais significativas – por exemplo, em questões de desarmamento, poluição ambiental ou no relacionamento entre países ricos e pobres. Não se trata somente de saber qual filosofia de vida a pessoa escolheu. Pode ser

⁶² Idem, Item 53, p. 47.

⁶³ **HELLERN**, Victor et alli, **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 227.

igualmente importante apenas escolher alguma, tomar uma posição, qualquer que seja. O oposto de uma filosofia de vida é a apatia e a falta de convicções. Até mesmo o orçamento nacional ou o manifesto de um partido político tomam posição nas questões existenciais. Não se pode dizer que haja um partido político com uma posição existencial neutra.

Discutindo os valores segundo Hellern, somos convidados a pensar sobre o que cada jovem acredita ser mais essencial para a sua vida. Contudo, algumas perguntas devem ser feitas, tais como: 1) O que desejam alcançar com suas ações? 2) Quais são os valores que mais prezam? e 3) O que é mais importante para eles?

Questionando sobre esses valores foi obtida uma resposta interessante em relação ao medo que sentem. Um dos entrevistados forneceu a seguinte resposta:

“bom, um modo de mudança disso, de tentar melhorar isso, de estar mudando isso é a pessoa ter certeza do que ela quer, convicta do que ela quer, assim muita das vezes até mesmo na passagem mesmo, na própria passagem que se diz: quem não carregar sua cruz e vir comigo, me seguir, não está apto. Então creio o seguinte: cada um tem que ter o ideal, a ideologia, tem que ta vivendo tanto para a família, tanto para o seu serviço, sua vida social, e tem que ta vivendo outras coisas também. Existe é claro o medo, o medo como acontece com muitas pessoas, o medo de se afastar, o medo de falhar, o medo de errar, mas eu creio que a gente pode está mudando tudo, esse medo pode estar mudando a vida da pessoa, para melhor ou para pior, creio nesse caso que é pra melhor, mas é... a pessoa tem que arriscar.”

Então no contato com essas experiências percebe-se que para essa pessoa o medo é uma transformação da qual dependerá somente dele para reverter essa situação. Por essa narrativa, o indivíduo admite o medo, o reconhece, no entanto, o mesmo é remediado, dentro dos padrões estabelecidos de vontade e confiança no sagrado, no qual acredita e admite como verdade. Percebe-se que a sua ideologia vigorará de acordo com a sua confiança.

Segundo Hellern, a sociedade prioriza valores muitas vezes por dia, talvez sem ter consciência disso. Para ele *“uma opção que temos de fazer com*

freqüência diz respeito ao uso de dinheiro. Devemos gastar nosso dinheiro em roupas e outras coisas que nos trazem contentamento e satisfação?” Essa é uma pergunta que o autor traz em seu livro e podemos responder apenas com nossa experiência de vida. Um conflito de interesses que se alastra por novas vidas, descontentamentos curriculares, faltas de capacitação para gerar alguns ideais, fazem com vivamos numa utopia, fora da realidade, estando esses desejos no sentido que acobertar que realmente seria necessário para a nossa vida.

A sociedade vive em um mundo globalizado, num mercado de consumismo, o que se faz não quer dizer que deveria ser feito, mas se faz por necessidade. Os valores espirituais estudados anteriormente remetem a uma solução encontrada entre outras tantas para resolverem uma situação que os próprios jovens acreditam ou correlacionam os seus problemas com o fator espiritual. Segundo os mesmos, esse alimento encontrado, ou seja, o comportamento religioso, assume um sentido de amenização da dor, diminuindo a tristeza que sentem, dando algo mais a vida, trazendo a alegria ao lar de cada um. As pessoas esperam tanto pela resolução de seus problemas, e o que realmente gostariam que acontecesse nem sempre acontecesse e assim vivem no sentido de busca por melhores condições de vida, a fim de assegurar a sua sobrevivência.

Citando uma vez mais Bauman em seu posfácio da obra “Comunidade”, o autor fala fazendo referência a nossa condição social que

“somos todos interdependentes nesse nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. Todos precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida --- mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente.”

No jogo da vida, somos dependentes uns dos outros, sendo poucos os que conseguem viver isoladamente, se é que existe alguém que o faça por

vontade própria. Por isso, as trincheiras e os baluartes criados pela modernidade líquida constituem um espectro para a existência da comunidade. Não diferentemente do restante da sociedade, esse tem a necessidade de viver coletivamente, pois longe da comunidade dos nossos sonhos, a comunidade que realmente existe somente mapeia a representação do que realmente todos queriam possuir.

Diante do complexo mundo globalizado, a certeza é algo abstrato por demais, pois os momentos não absolutos, assim como os nossos direitos. Mas, são relativos e desse modo, as pessoas devem, questionar a respeito de seus valores, pensando qual o bem maior que almejam “proteger”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. **BAUMAN**, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2003, 141 p.
2. **BAUMAN**, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005, 110 p.
3. **CHEVITARESE**, L. As razões da pós-modernidade. In: **Análogos. Anais da I SAF-PUC**. Rio de Janeiro: Booklink. (ISBN 85-88319-07-01).
4. **GRIGOLETTO**, Evandra. Sob o rótulo do novo, a presença do velho. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, 190 p.
5. **HELLERN**, Victor et alli, Filosofias de vida não religiosas. In: **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 226-252.
6. **JURKEVICS**, Vera Irene. Renovação Carismática Católica: Reencantamento do mundo. In: **História & Debates, Curitiba, n.40, Editora UFPR, 2004, p. 121-134.**
7. **PIERUCCI**, Antônio Flávio. Apêndice: As religiões no Brasil. In: **HELLERN**, Victor et alli, **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 281-302.
8. **PIEPER PIRES, Frederico**. Resenha expositiva do livro: TAYLOR, Mark C. Erring. A postmodern A theology, The University of Chicago Press, 1984.

TESES

SILVA, Raquel Marta. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das gerais – Uberaba, 1959/2001**. 2002. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

6. ANEXO “A” – ENTREVISTAS.

N.º 01 - Entrevista realizada em: 10/10/2005.

Entrevistado: **Reysner Samuel de Oliveira**, 23 anos, músico e coordenador do Grupo de Jovens Semente do Amanhã.

Reysner – *“Assim é... Deus pra mim é simplesmente tudo, é razão do que me faz em pé até hoje, razão que me faz buscar, entender, buscar é... conhecimento, buscar a igreja católica, é a razão do meu viver e quando eu não transpasso Deus para as pessoas atualmente é...já não tem muito sentido esta caminhada. Como foi dito, sou coordenador do grupo de jovens semente do amanhã, é... gestão 2005, e tenho trabalhado em cima de jovens, em cima dessa vontade que é o grupo de jovens Semente do Amanhã e tentamos estar passando este Deus maravilhoso, que a gente tem conhecido desde anos e anos atrás, que a gente tem trabalhado junto, bonito, com a esperança de estar melhorando, mudando a vida das pessoas, mudando a visão delas, trazendo uma nova vida como foi trago uma nova vida para mim. Então eu creio, que Deus foi tudo isso, que essa mudança na minha vida, essa mudança que eu tenho tentado passar pra eles é Deus na minha vida. Mas é claro que pra tá firme na caminhada pra tá levando isso, tá aprendendo, tá levando isso, assim, e se tornar assim, nem digo bem um coordenador, mas se tornar um levador da palavra, uma vontade de estar buscando mais pessoas, estar ajudando mais pessoas. É claro que por isso passa por grandes dificuldades, grandes é...grandes empecilhos, e em um desses a gente pode baquear, a gente pode é... atrapalhar bem a vida, pode ter assim medo, a família pode estar puxando para um lado, dizendo não fica muito bem assim na Igreja, a vida não é só isso, a vida é outras coisas como já aconteceu comigo já, então acredito que muitas coisas costumam frear assim a pessoa, costumam atrapalhar a forma dela caminhar. Bom um modo de mudança disso, de tentar melhorar isso, de estar mudando isso é a pessoa ter certeza do que ela quer, convicta do que ela quer, assim muita das vezes até mesmo na passagem mesmo, na própria passagem que se diz: quem não carregar sua cruz e vir comigo, me seguir, não está apto. Então creio o seguinte: cada um tem que ter o ideal, a ideologia, tem que ta vivendo tanto para a família, tanto para o seu serviço, sua vida social, e tem*

que ta vivendo outras coisas também. Existe é claro o medo, o medo como acontece com muitas pessoas, o medo de se afastar, o medo de falhar, o medo de errar, mas eu creio que a gente pode está mudando tudo, este medo pode estar mudando a vida da pessoa, para melhor ou para pior, creio neste caso que é pra melhor, mas é... a pessoa tem que arriscar.”

GEFFERSON – Reysner, você acredita que a dificuldade financeira, o maior relacionamento com os pais, as brigas, o próprio conflito do jovem, ele interfere nessa busca pela Igreja, em contra posição assim a outras coisas do mundo? Você acredita que a Igreja pode favorecer o jovem a mudar de vida, a mudar seu comportamento, seguindo outro modo de vida e não o da rebeldia?

Reysner – *“Acredito sim que a Igreja pode ajudar o jovem, mas a partir do momento que o jovem quer ser ajudado. Assim em relação a família, esses conflitos entre amigos, entre famílias, é... financeiramente, a pessoa ta no mal pode também interferir em muito, pode afastar a pessoa do caminho, pode causar danos assim na vida da pessoa, ela pode estar sem o alicerce, sem o chão para estar pisando, e ela pode encontrar várias outras coisas na vida, assim com essa rebeldia toda que ela vai buscar, ela pode encontrar é... drogas, pode encontrar amigos muitos rebeldes, pode afastar totalmente de sua família, dos braços dos pais, pode afastar também, nem muito assim o interesse pela Igreja, creio que ela não possa está encontrando, por quê? Creio que a vida lá fora, para as pessoas que não enxergam realmente o Deus verdadeiro é totalmente ótima para elas, é bom, e você pode sentir em termo financeiramente, amigos, bens, de ter bons amigos ao lado isso tudo interfere bastante na vida dessas pessoas, então o que elas vão encontrar? Elas vão encontrar é... satisfação em fazer o errado, em achar que estão bem, que estão tranquilas daquele jeito, que ta levando uma vida ótima dessa forma e com isso vão afastando. Interesse em encontrar Deus depois de uma vida assim perturbada é muito difícil, é poucos que voltam e tentam encontrar Deus. Creio muito que a pessoa é, pouca e raras as pessoas que conseguem afastar dessa vida.”*

N.º 02 - Entrevista realizada em: 11/10/2005.

Entrevistada: **Flávia Alice Borges**, 27 anos, engenheira agrônoma, coordenadora do Grupo de Jovens Maanaim.

Flávia Alice – *“Deus é tudo, é aquele que ajuda no dia-a-dia, é aquele que indica o caminho, é aquele que leva o caminho, é a única verdade, é a única certeza, e é lógico que é pela fé. Assim a ciência não consegue provar, mas pela fé tudo é provado porque ta no coração e ta na mente. Quando falo que Deus é tudo, é porque aquele que está do meu lado sempre, ta no meu lado nos momentos alegres, nos momentos de dificuldades, nos momentos em que, na hora em que a gente pensa em desistir, e ele que vem sacode e ajuda a gente sacudir a poeira e continuar na caminhada, mas do que isso é aquele que é o futuro também, futuro é... não futuro é... somente aqui na terra, mas futuro principalmente com a vida eterna, em busca dessa eterna felicidade, dessa eterna memória, dessa certeza mesmo de querer alcançar algo melhor do que nós estamos aqui. Mas Deus é aquele que também puxa a orelha e aquele que ajuda passar pelas provações, mas que coloca provações, justamente para o nosso crescimento mental, nosso crescimento individual, nosso crescimento corpo-família, como ser humano embora fraco e totalmente dependente dele e Ele nos faz ser dependente dele, não porque precisamos, não porque merecemos, mas porque precisamos. Não porque Ele precise de nós, mas porque nós precisamos dele e eu sou totalmente dependente de Deus.”*

GEFFERSON – *Você acredita que diante da modernidade, dos avanços tecnológicos, a insegurança, o medo, o estreitamento dos laços familiares tem alguma questão haver com a busca do jovem em práticas religiosas, ou seja, você acredita que existe alguma ligação entre a procura e o sagrado?*

Flávia Alice – *“Eu acredito sim. O medo hoje, a insegurança, a estabilidade tanto emocional como familiar, o medo de... do que fazer do futuro e o medo também principalmente de ficar sozinho. Eu acho que sim, porque a Igreja mesmo sendo tradicional, mesmo seguindo a 2000 anos de*

tradicionalismo, ela é moderna também e ela tem de se modernizar e a seguir o caminhos da ciência. Existem muitas coisas talvez a ciência não consiga provar porque muitas das coisas são dogmas de fé que vêm pela crença que vem naquilo que cada um acredita, naquilo que a Igreja acredita. A Igreja, ela é humana e ela é divina, e as vezes o lado humano ele exige que se faça uma ciência. Ele exige que se prova, mas a gente não pode esquecer que Deus é o dono da ciência, então se ele quiser provar alguma coisa pela ciência Ele vai conseguir. Ele mesmo vai fazer com que a ciência prove, mas a Igreja é suficientemente forte para solucionar qualquer problema, porque como eu disse a Igreja ela é divina, e Deus veio provar isto. Por mais que muito se exige do lado racional, querendo se explicar tudo, mas o dogma de fé existe e veio pela crença, mas se Deus quiser que seja provado Ele faz com que seja provado. Eu acredito que a Igreja, ela tem um papel fundamental na vida do jovem hoje porque o jovem esta sentindo muito sozinho, os pais saem para trabalhar, saem de casa buscando dar o conforto principalmente no caso da modernidade está se exigindo muita coisa moderna, então ele está se sente sozinho e na Igreja ele está buscando este apoio porque ali ele está encontrando talvez o carinho, que ele...não se encontra facilmente o carinho verdadeiro , uma compreensão mais justa, é não, encontram pessoas que falam a mesma língua, conversam o mesmo tema e discutem a mesma realidade, pessoas que ele possa confiar porque hoje o que ta faltando também hoje é a falta de confiança, o que está existindo hoje é uma grande falta de confiança, não se confiam mais nas pessoas porque pela própria realidade que se vive. Então na Igreja o jovem busca isso e tem se encontrado, lógico, como eu disse antes a Igreja, ela é pecadora, então, somos seres humanos limitados, a gente tende a errar e muita das vezes criam-se alguns atritos e tal, mas isso é superado pelo amor que o jovem encontra ali dentro. E a Igreja, ela não vai acabar justamente porque existe este lado, onde é...há este resgate do jovem para a Igreja.”

N.º 03 - Entrevista realizada em: 12/10/2005

Entrevistado: **Uéverson de Freitas**, 27 anos, agente de pastoral e membro do Grupo de Jovens Semente do Amanhã.

GEFFERSON - Uéverson, qual a representação que você tem de Deus, e quais os motivos que o levaram a freqüentar as práticas religiosas que freqüenta?

Uéverson – “Bom, Deus para mim é um é... é aquele ser que está no universo, igual muita gente coloca que ele está lá no céu, para mim Deus é aquele que bem próximo aqui da gente, na nossa casa, no nosso trabalho, na faculdade, nos estudos, em geral, o Deus que eu vejo, Ele pode Ele é muito misericordioso, Ele é muito amor, muita paz, se a gente busca com certeza a gente acha Ele no nosso irmão. O motivo que eu venho colocando em prática, a minha atividade na vida religiosa é tudo o que eu aprendi, é estar passando pro próximo, um com bastante simplicidade, com bastante amor e isso aí a gente vai conseguindo com o carinho muito grande que a gente tem pela fé, e pela crença que a gente vê em nosso Senhor Jesus Cristo. Bom, o meu... a prática mais espiritual com Deus, Deus pra mim é um ser que está bem próximo da gente, não aquele Deus onipotente que está lá no céu que todo mundo prega, mas Deus está tão próximo que a gente pode encontrar ele, em nosso irmão, na nossa casa, no nosso trabalho, na faculdade, nos estudos em geral. O motivo que hoje eu atuo até hoje principalmente no grupo de Jovens Semente do Amanhã é o que eu aprendi, eu tenho que passar para a frente porque não adiantaria nada eu encher minha alto estima, minha parte religiosa e não colocar em prática, senão muita das pessoas não iam conhecer o Deus que eu conheço, que é o Deus que está próximo, é Deus no amigo, é Deus no irmão. Com certeza se você achar este Deus no próximo, no irmão, você com certeza vai encontrar Ele mais próximo de você.”

GEFFERSON – Uéverson, você acredita que o jovem, em seu comportamento, ele está ligado mais ao lado espiritual da Igreja ou ao lado social diante do que nós vivemos, com a insegurança, o

estreitamento dos laços familiares, e se o jovem tem esse compromisso de se converter verdadeiramente o lado seu espiritual?

Uéverson – “Com certeza o nosso jovem tem, vem buscando uma parte muito grande na formação na área espiritual, e também vem formando uma formação muito grande também na área social, por, o exemplo nosso, o nosso grupo de jovens trabalha tanto a parte social como a parte espiritual, como levar os jovens pra conhecer asilos, pra casas de crianças carentes, a gente trabalha este crescimento para eles estar desenvolvendo esta parte, este conhecimento social. E a parte espiritual a gente também, também trabalha muito dentro da Igreja, trabalha os estudos da reflexão bíblica, é a base fundamental que é a doutrina que a gente prega está dentro da parte bíblica, trabalhando formação bíblica com os jovens, aí com essa força na palavra de Deus e também no conhecimento social, a gente chega num objetivo muito grande, que é lançar o jovem neste mundo tão violento que estamos vivendo hoje. E eles estão trabalhando nesta área e estão conhecendo tudo o que há de positivo e negativo dentro da área social como também da área religiosa.”

GEFFERSON - Uéverson, referente a comunidade, qual a validade, qual a importância da comunidade para esses jovens, quando eles passam a conviver com as outras pessoas no seu meio?

Uéverson – “Os jovens hoje com o termo comunidade, é... existe um vínculo uma barreira muito grande porque a nossa comunidade esquece que eles um eles foram jovens, eles um dia não teve a mesma formação que a gente ta tendo hoje. Se a comunidade acolhesse os nossos jovens com bastante amor, bastante carinho, com certeza teria um vínculo maior entre a área comunidade e área jovem, e eles não seriam tão taxados como os barulhentos da igreja, taxados como os que mais conversam dentro da comunidade, dentro da paróquia, esses jovens que estão hoje dentro de nossas igrejas, eles vão ser formadores de novas paróquias, novas pastorais e se a comunidade desse apoio pra nós, nós estaremos crescendo tanto com os que estão mais antigos, dentro de comunidades, dentro de pastorais, e dando, passando um pouco da experiência para eles como novos jovens que estão

chegando, que acolhesse mais os jovens, eles não vê que eles estão ficando velhos, mas só que a experiência deles são muito importante para nós, o exemplo de vida deles é muito viável, muito positivo, mas porém que eles acham que a gente não tem muita responsabilidade e se eles dessem um crédito positivo com certeza a gente traria aí com uma parte mais unida entre jovens e comunidade. Se o jovem hoje mete o peito e trabalha o povo fica falando que a gente quer aparecer, mas se os jovens ficam parado no canto chamam a gente de acomodado, mas só tem que não soltam a responsabilidade grande porque a gente não tem responsabilidade e eles dessem uma credibilidade pra nós, se a gente for fiel no pouco que eles passa pra nós, com certeza eles vão ver que no jovem há mais responsabilidade do que muitas pessoas dentro da comunidade que está hoje vivendo aí, que eles vivem uma coisa dentro da comunidade e pregam outra.”

N.º 04 - Entrevista realizada em 12/10/2005.

Entrevistado: **Marcos Roberto de Assis Silva**, 18 anos, membro do Grupo de Jovens Semente do Amanhã.

GEFFERSON - *Sr. Marcos, para você o que vem a ser Deus, e assim, qual o motivo o levou a frequentar o grupo de jovens e qual a sua intenção em relação as práticas religiosas?*

Marcos – *“Deus pra mim é um cara assim espetacular. Ele é de tudo um pouco na minha vida. É Ele me ajuda, é um verdadeiro amigo. Ele que me dá sustento, ele que me leva, me ajuda a praticar sempre o bem, sem pecado, sem tentar viver sem pecado, não completamente sem pecado que é impossível, mas sempre seguir uma, uma, uma sempre tá tentando seguir uma linha reta, sempre o bem e como eu disse Ele é meu amigo, eu considero Deus como um amigo. E por que eu estou no grupo de jovens, porque eu...sei lá, mas pra sentir uma melhor intimidade com Deus, trabalhando nos projetos que o grupo tem, como o círculo bíblico, a recepção que estava participando fazendo lembranças... e o terço, sempre tá rezando o terço que é uma das equipes que se reúne toda a semana. É isso, o grupo serve pra mim aumentar a amizade com Deus.”*

GEFFERSON – *Sr. Marcos, perante o comportamento dos jovens em grupo é... você acredita que o lado social ele é mais trabalhado do que o puramente espiritual ou você acha que o comportamento dos jovens está muito assim, disposto a aprender as coisas da Igreja e com isso a crescer espiritualmente?*

Marcos – *“Ó, é..., o que eu acredito é que o jovem ele é chamado pro grupo, pelo simples motivo social, ele vai pro grupo pelo motivo de encontrar amigos, por motivo de conversar, mas aí a partir deste chamado, que eu acredito que Deus pode fazer alguma coisa nele, porque Deus chama de várias formas e é a partir deste chamado que Ele vai sentir interesse, sentir interesse pra trabalhar nas coisas de Deus, pra não ser apenas um membro que só*

assiste, como também um membro participante, aquele que também trabalha pro grupo sempre pra frente.”

N.º 05 - Entrevista realizada em: 16/10/2005.

Entrevistado: **Eduardo Luiz da Silva**, 24 anos, membro do grupo de jovens Semente do Amanhã.

GEFFERSON – Eduardo, para você o que vem a ser Deus, e quais as representações de Deus pra você, quais as coisas que você procurou ao entrar no grupo de jovens e quais as coisas que te mantém ainda na prática do grupo religioso?

Eduardo – “Bom, Deus é primeiramente tudo na minha vida porque assim, acho que Deus é amor, necessitamos de Deus para sobreviver e como assim você já conhece um pouco da minha história vou declarar pra você assim que, um exemplo, um dia eu fui convidado a participar de um grupo de jovens, o Semente do Amanhã, e no momento em que eu vim a Igreja, Deus me fez o chamado né, me chamou, me convidou a estar com ele, fui participar de um retiro espiritual que foi lá no Oásis né e a gente participo lá e depois desse dia assim, eu passei a sentir falta daquilo que senti lá que foi a presença de Deus, a presença do Espírito Santo, Espírito Santo de Deus, e depois eu senti aquela presença do Espírito Santo eu fiquei mais presente, Deus, conheci Deus, entendeu? E assim um pouco assim eu perdi meu pai e minha mãe aos dois anos de idade e eu peguei e comecei a.... depois de quatro anos de alcoolismo, de drogas, de prostituição, eu realmente conheci Jesus e a Igreja Católica e hoje faço parte do grupo de jovens Semente do Amanhã porque assim, assim como um dia eu caminhava no deserto, e Jesus me encontrou lá e me trouxe diante a vida de novo, e mostrou quanto é bom ser feliz lá. Acho que é isso aí.”

GEFFERSON - Eduardo, pra você é importante o jovem estar inserido dentro desse conjunto e assim, qual a vontade que o jovem pode encontrar nestas práticas?

Eduardo – “Bom, o jovem viver em comunidade hoje é necessário né, porque assim como Jesus dizia a gente caminhar sozinho não tem jeito e assim é necessário porque assim, a gente, o grupo de jovens é tipo um aprendizado,

um exemplo, a comunidade é você estar habituado na paróquia, que é a paróquia que você vive, então a importância é isso, a importância é você está recebendo as pessoas, participando, um exemplo, é dividido em sacramentos, pastoral da família, pastoral da juventude e, crisma, catequese, e assim, você...quando você faz o crisma, você é convidado a etar a trabalho da comunidade, servir a comunidade, servir a Jesus Cristo. Então, pra que você sirva Jesus Cristo em sua comunidade, no catolicismo, é preciso que você viva em comunidade, que você seja habitado na comunidade. É preciso que a obediência cabe muita das vezes também pra gente ser da comunidade. Então, acho que é isso.”

GEFFERSON – Eduardo, perante os acontecimentos atuais, você acredita que os jovens estão buscando mais a Igreja para ter uma segurança em relação assim, a insegurança, ao medo, ou você acredita que ele não esteja ligado a segurança, mas sim ao que ele quer praticar e com isso conhecer mesmo a religião?

Eduardo – *“Bom, geralmente muitos jovens procuram a Igreja por algum problema em casa, o pai é alcoolista, o pai chega em casa, bate na mãe, ou as vezes vem no grupo através, por exemplo, há tem uma menininha bonitinha lá, tô a fim dela, vai lá atrás dela, o pessoal chega no grupo de jovens com intuito de as vezes arrumar uma namorada, ou participar, ou vai por ir mesmo ela, quando ela vem acaba sendo tocada, sendo encontrada por Jesus Cristo, porque... porque as vez ela vai caba se encontrando com Jesus Cristo. Eu respondendo por mim, quando entrei na Igreja, eu estava com problemas com drogas, com álcool, então assim, eu vim quando me fizeram o convite. Vou não porque lá só tem panelinha, meus amigos me disse, vamos lá você vai gostar, fazer amizades novas,amizades verdadeiras e então vamos, acabei vindo por curiosidade e acabei me encontrando com Jesus Cristo.”*

GEFFERSON - Eduardo, qual a sua opinião a respeito das práticas realizadas pela Renovação Católica?

Eduardo – *“A Renovação Carismática Católica quer levar você ao batismo do Espírito Santo, não o, aquele mesmo batismo se você é batizado pelo Espírito Santo, quando você recebe o batismo, porque assim, a Renovação Carismática ela trabalha em cima de quê, do batismo do Espírito Santo e te convida a adoração ao Santíssimo, porque nosso senhor Jesus Cristo, porque assim a Renovação Carismática ela é carismática assim, aprende a cuidar da eucaristia que é o corpo sagrado de Jesus. Então, assim, a eucaristia é tudo para a Renovação Carismática, a Renovação Carismática trabalha em cima do evangelho a pé da letra, a Renovação Carismática te convida a abandonar as coisas do mundo, por exemplo, festas, bares, convida você a viver uma vida, por exemplo, santidade em família, você e sua comunidade. Então, a Renovação Carismática é isso hoje em dia, Renovação Carismática é o dever dela é evangelizar e fazer você sentir a presença de Jesus que é o corpo sacrário, a face-a-face de Jesus, a Renovação Carismática é isso. Bom, o Espírito Santo, a presença do Espírito Santo, muitas vezes, estudamos livros, buscamos conhecimento, você quando você é convidado a dar uma palestra, um exemplo, sobre misericórdia, você vai lá, vai falar sobre o filho pródigo, então você vai dar o testemunho de sua vida, como Jesus Jesus te encontrou como aconteceu, todo dom e você prepara. Então você vai lá, prepara, confessa, jejua pra que tudo corra bem, no momento que você chega lá pra falar o que aconteceu, como foi levado pra pregar lá em Perdizes, a gente foi fundar uma comunidade que estava acabando. Quando eu cheguei lá, e tinha preparado uma passagem, O Espírito Santo tocou em meu coração que era pra falar de outra passagem, entendeu? O que aconteceu, as vezes a gente prepara, estudando, as vezes a gente esquece que o dom quem dá é Deus, o Espírito Santo Paráclito. Quando Jesus veio a nós, Ele disse, os discípulos diziam a Ele – mas o Senhor vai embora e nós como que vai fazer – então disse:”Eu vou mas meu pai enviará a vocês o Espírito Santo Paráclito, o Espírito que é verdade.”*